



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

WENDENBERG DE AQUINO SANTANA

**O BAIRRO DO JEREMIAS – CAMPINA GRANDE/PB: uma abordagem do seu
comércio em contexto de violência urbana.**

**CAMPINA GRANDE-PB
NOVEMBRO DE 2012**

WENDENBERG DE AQUINO SANTANA

O BAIRRO DO JEREMIAS – CAMPINA GRANDE/PB: uma abordagem do seu comércio em contexto de violência urbana.

Trabalho Acadêmico Orientado apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO DE 2012

S231b Santana, Wendenberg de Aquino.

O Bairro do Jeremias – Campina Grande/PB
[manuscrito] : uma abordagem do seu comércio em contexto de
violência urbana / Wendenberg de Aquino Santana. – 2012.
180 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof. Me. Arthur Tavares Valverde,
Departamento de Geografia”.

1. Geografia Espacial. 2. Violência Urbana. 3. Comércio
Local – Bairro de Jeremias/ PB. I. Título.

21. ed. CDD 910.021

WENDENBERG DE AQUINO SANTANA

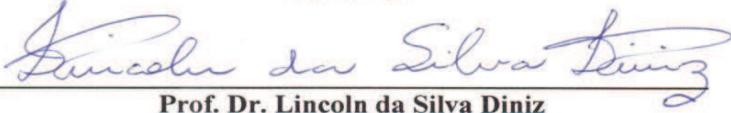
O BAIRRO DO JEREMIAS – CAMPINA GRANDE/PB: uma abordagem do seu comércio em contexto de violência urbana.

Aprovado em 29 de NOVEMBRO de 2012

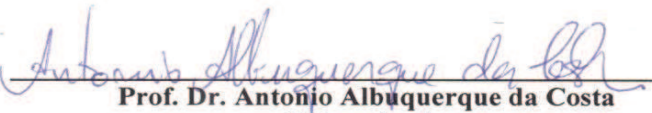
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde
Orientador



Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz
1º Examinador



Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa
2º Examinador

*“As pessoas se trancam em suas casas
Pois não há segurança nas vias públicas
E nem mesmo a polícia pode impedir
Às vezes a polícia entra no jogo*

*A lua já não é mais dos namorados
Os velhos já não curtem mais as praças
E quem se aventura pode ser a última
E quem se habilita pode ser o fim*

*A gente precisa de um super-homem
Que faça mudança imediata
Pois nem mesmo a polícia pode destruir
Certas manobras organizadas”*

Criminalidade – Edson Gomes

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grato a Deus pela oportunidade de tornar-me seu filho, mediante a palavra da verdade, sem esta certeza nada faria sentido na minha vida, de modo que a busca pelos meus objetivos terrenos perpassam por ela.

Agradeço ainda a todos da minha família, irmãos, primos, tios, avós, que compartilharam com minhas alegrias e me influenciaram com conselhos e pensamentos positivos, me lembrando de que dias melhores sempre são possíveis. Aqui destaco em especial minha mãe, Maria Claudécia Lima de Aquino, e meu pai, Severino Santana, pela educação e cuidados que me concederam, estimulando-me a perseguir o conhecimento e nunca desistir dos meus sonhos. A estes sempre serei grato pela base sólida da minha formação pessoal.

A meu professor Arthur Tavares, pelo estímulo e recomendações, que se tornaram essências, pois sempre me lembrou de que o caminho ainda é longo e está apenas começando. Agradeço aos demais professores do curso de Geografia da UEPB, que compartilharam com dedicação o conhecimento e forneceram as diretrizes para a minha formação, muitos são motivo da minha enorme admiração. Tão essencial também foram os meus professores do ensino básico a quem sou eternamente grato, desde a Tia Neide da alfabetização, até Manassés, Helder, Bartolomeu, e tantos outros que diretamente contribuíram para que eu pudesse chegar aqui.

A minha namorada, Gilvaneide Fernandes Chaves, pelo companheirismo, carinho e amor nesta trajetória única da minha vida.

Agradeço a todos da turma 2009.1 diurno, que se tornaram amigos e irmãos, a quem devo os memoráveis momentos, que Adgelson, Alberto, Raimundo, Paulo Sérgio, Francisco, Rui, entre outros, certamente se lembrarão, e que serão saudosos, deste breve, porém intenso, percurso. A todos da turma 2009.1 noturno, que me acolheram após a transferência de turno, e me trouxeram grandes alegrias. A todos os meus amigos da turma 2008.1 noturno, que também me adotaram a partir de 2011, e trouxeram momentos únicos e inesquecíveis, me permitindo fazer parte desta maravilhosa turma, que mais parecia uma grande família, como sempre falava Alisson: “Aqui somos todos irmãos”. Aos professores e gestores do cursinho Pré-Vest da universidade, na qual tive a honra de fazer parte.

Por fim agradeço a todos os outros que fizeram parte desta jornada, em grupos de estudo, pesquisa e extensão, em eventos, e principalmente no dia-a-dia da universidade, nas conversas, nos corredores, nas risadas, na Xerox, no Lanche. A todos vocês muito obrigado.

RESUMO

SANTANA, Wendenberg de Aquino. **O COMÉRCIO DO BAIRRO DO JEREMIAS – CAMPINA GRANDE/PB: dinâmica espacial em um contexto de violência urbana.** Campina Grande, 2012. Trabalho Acadêmico Orientado. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC / UEPB / DG.

O presente trabalho analisa a dinâmica espacial do bairro do Jeremias com o contexto originado a partir da violência urbana. Para isso, iniciamos a pesquisa a partir do conteúdo histórico do espaço analisado, de modo que possamos compreender a dinâmica socioespacial que trouxe muitas das problemáticas observadas na atualidade. Visando uma análise que sistematize a grande abrangência espacial do bairro, escolhemos o comércio como fonte de observações específicas que possa trazer resultados para a compreensão do contexto geral da violência no bairro. Logo, desenvolvemos um estudo acerca da violência urbana em suas implicações para o comércio local, onde o medo se torna elemento essencial nas relações existentes entre os comércios e a comunidade, na qual estes fazem parte. As reflexões propostas por este trabalho englobam as questões sobre a mudança gradual das tradicionais relações de familiaridade, existentes entre o pequeno comércio e o bairro como um todo, na qual a dimensão do medo orienta o constante afastamento, e em consequência fragmentam-se as perspectivas de suas horizontalidades.

Palavras-chave: bairro do Jeremias, Campina Grande, dinâmicas espaciais, comércio, violência.

ABSTRACT

SANTANA, Wendenberg de Aquino. **O COMÉRCIO DO BAIRRO DO JEREMIAS – CAMPINA GRANDE/PB: dinâmica espacial em um contexto de violência urbana.** Campina Grande, 2012. Trabalho Acadêmico Orientado. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC / UEPB / DG.

The present work analyzes the spatial dynamics of neighborhood context with Jeremias originated from urban violence. For that, we started the search from the historical content analysis of space, so that we can understand the dynamics that brought many of sociospatial problems observed today. Seeking an analysis that systematizes the large spatial extent of the district, chose the trade as a source of specific observations that can bring results for understanding the general context of violence in the neighborhood. Therefore, we developed a study about violence in their implications for the local market, where fear becomes essential element in relations between the businesses and the community in which they are part. The reflections proposed by this work include questions about the gradual shift from traditional relations of familiarity between local businesses and the neighborhood as a whole, in which the dimension of fear guides the constant removal, and consequently shatter prospects its horizontality.

Keywords: neighborhood of Jeremias, Campina Grande, spatial dynamics, trade, violence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OS ASPECTOS SÓCIO-ESPACIAIS DO BAIRRO DO JEREMIAS: Uma caracterização.....	14
2.1 O processo de formação do bairro do Jeremias.....	18
2.2 O bairro do Jeremias na atualidade.....	25
2.3 O bairro do Jeremias e suas heterogeneidades.....	28
3. EM BUSCA DE UMA CARACTERIZAÇÃO COMERCIAL DO BAIRRO DO JEREMIAS...	35
3.1 A dinâmica dos circuitos econômicos no espaço comercial do bairro.....	38
3.2 O centro comercial do bairro.....	40
3.3 Características do comércio local.....	43
4. A VIOLÊNCIA URBANA: Reflexões teóricas sobre a violência.....	50
4.1 A violência no bairro do Jeremias.....	57
4.2 O comércio do bairro do Jeremias e a violência urbana.....	62
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

1. INTRODUÇÃO:

As dinâmicas sociais são reflexos das variadas conjunturas nas quais estas se originam, o espaço não é imune à sociedade ele o é como instância, ou seja, as relações sociais produzem e criam o espaço geográfico. Estas relações são constantemente influenciadas por subjetividades, na qual, por sua vez, são oriundas de aspectos pré-existentes no próprio espaço. O medo da violência criminosa se mostra assim relevante na dinâmica social de construção dos espaços. O lugar se apresenta como integrador de problemáticas cujas raízes se situam em escalas mais gerais e diferenciadas do espaço-tempo. Criam-se estigmas aos lugares que passam a comportar grande quantidade de medo, poderíamos pensar assim em possíveis fenômenos de topofobia, o medo dos lugares (TUAN, 2009).

A cidade é o lugar da integração de fenômenos espaciais diversos, é onde observamos mais claramente o contato entre as desigualdades intrínsecas ao capitalismo, sendo assim evidencia-se no urbano a segregação, e as consequências dela. A estas segregações observa-se lutas por sobrevivência, o exercito industrial de reserva de outrora, se mostra hoje como um exercito de excluídos, poucas perspectivas se concretizam para estas populações. As características do urbano, de contato e afastamento criam assim contextos de violência, pressupondo assim a existência de uma violência intrinsecamente urbana.

Nesta perspectiva que o presente trabalho busca analisar os comércios no bairro do Jeremias – Campina Grande – PB e as suas problemáticas relacionadas à violência urbana. Porém não se pode, para concretização de uma análise geográfica, dissociar o contexto da atualidade em relação às suas raízes temporais, assim torna-se necessário desenvolver um estudo do processo histórico de formação do bairro. Detalhando o modo como este espaço constituiu seu conteúdo socioespacial, poderemos compreender a formação da conjuntura da violência urbana no âmbito do bairro.

Observamos ainda a necessidade de um recorte espacial no âmbito dos impactos da violência sobre o bairro, para isso encontramos nos comércios, devido sua centralidade de fluxos, uma possibilidade de relacionar o contexto de violência do bairro, e seu estigma, com os seus reflexos econômicos e sociais. Ao evocar o comercio de bairro, torna-se necessário caracterizar a suas funções, estruturas e espacialização. Tal perspectiva mostra-se necessária para entender a relação entre a violência e a valorização do solo urbano no âmbito local. Ao analisar os comércios, buscaremos observar quais os recursos de resistência utilizados pelos

comerciantes diante do contexto de violência. Tais tentativas de contornar ou minimizar a problemática podem criar impactos, deste modo, iremos identificar a influência destes recursos no desenvolvimento da atividade comercial no bairro.

A escolha do tema originou-se devido às observações empíricas em relação ao contexto de violência no bairro do Jeremias. Trata-se, no entanto, de uma realidade bastante evidente nas cidades brasileiras, na qual se observa claramente o rápido avanço da violência em sua totalidade. Tal fator, afeta grande parcela da população, necessitando assim de estudos que visem à compreensão do desenvolvimento deste fenômeno, como as suas causas e efeitos espaciais. A temática de violência urbana se apresenta ainda pouco difundido na ciência geográfica, observa-se então a sua importância para a ampliação do conhecimento espacial da violência. A escolha do bairro estudado justifica-se por se tratar de um local de vivência do autor, originando uma perspectiva de comprometimento social para o presente trabalho.

Diante do complexo contexto espacial do bairro, observamos algumas problemáticas, que orientaram a pesquisa e nos forneceram indícios de relações com a violência urbana. Tais problemáticas iniciais foram: O comércio do bairro do Jeremias apresenta-se estagnado? A violência criminosa no bairro é um fator responsável por este fenômeno? Como se originou o atual estigma de violência no bairro? Como se deu a dinâmica temporal de formação do bairro e os seus reflexos neste contexto? De que modo os comerciantes tentam resistir a este fenômeno de violência? Tais meios de resistência criam impactos sobre o desenvolvimento do comércio?

Para responder estas iniciais problemáticas buscamos elencar hipóteses, que possibilitem um contato objetivo com a realidade, sendo elas:

- A busca pela origem histórica da formação do bairro nos evidenciará a forma como esta orientou o seu atual contexto de violência criminosa;
- As características do comércio no bairro são responsáveis pela aglutinação de processos mais amplos relacionados com a violência urbana;
- O medo decorrente deste contexto de violência é o principal responsável pela provável estagnação dos comércios no bairro.

Tais hipóteses não limitam as possibilidades de análises do contexto do bairro, sendo que durante o desenvolvimento do estudo, observamos variáveis que destoam das nossas iniciais perspectivas e que ampliam ainda mais as análises. Assim, para concretizar um

estudo satisfatório da realidade, buscaremos usufruir de métodos quantitativos e qualitativos para sintetizar os indícios que poderão orientar as análises.

Durante este estudo, irá ser analisada a questão da violência urbana no bairro sob a ótica da experiência dos personagens diretamente envolvidos com o tema, o que significa numa busca pela essência do comportamento destes indivíduos. Será evidenciada, ainda, a esfera da mudança temporal e espacial, principalmente no âmbito do comércio local, enfocando a influência que esta violência exerce nas possíveis transformações, isto significa analisar o objeto de estudo a partir de sua estrutura, processo, funções e formas.

De modo mais geral, iremos utilizar como procedimentos metodológicos básicos os descritos por Andrade (1980, p. 25), no que se refere ao contato do geógrafo com a realidade:

Este contato direto é feito através da *observação direta da paisagem*, que pode ser mais bem documentada com desenhos e fotografias obtidos dos melhores ângulos; da *entrevista com os habitantes da área*, fonte de informações de grande valia ainda da *aplicação de questionários*, nos quais estes habitantes fornecem de forma sistemática as informações consideradas fundamentais ao trabalho em elaboração. Desse modo, os geógrafos modernos dispõem de meios que faltaram aos clássicos para interpretar e explicar as diversas formas de organização do espaço.

Como demonstrado por Manuel Correia de Andrade observamos três procedimentos essenciais aos estudos dos fenômenos geográficos, no tocante à Geografia Humana, sendo eles: observação direta da paisagem, entrevistas e questionários. Diversos outros procedimentos metodológicos podem ser elencados, visando uma análise mais ampliada da realidade. Deste modo, os procedimentos metodológicos utilizados serão:

- Observação *in lócus*
- Interação social
- Aplicação de entrevistas
- Aplicação de questionários
- Registro fotográfico
- Mapas

Deve-se ressaltar que as aplicações destes instrumentos de pesquisa serão feitas em momentos específicos, fator importante já que o objeto de estudo apresenta-se em constante mudança dialética. Assim os dados obtidos a partir destes procedimentos, devem ser

relacionados com as discussões teóricas que englobam o tema e que se tornam base para as análises.

Em relação a sua estrutura, o presente trabalho apresenta-se dividido em três eixos principais de análises. Estes eixos se apresentam em capítulos que se inter-relacionam e pretendem ao fim do trabalho fornecer uma visão completa do tema. Estes capítulos possuem análises específicas que foram por sua vez distribuídas em tópicos, visando assim constituir uma sequência lógica para o estudo.

O primeiro capítulo versa sobre um estudo de caracterização socioespacial do bairro do Jeremias. Aqui temos duas perspectivas, onde identificamos as atuais características do bairro e em seguida estipulamos uma análise aprofundada do processo de formação deste. Em seguida observamos as características que dinamizam a estrutura considerada oficial do bairro, realizando uma proposta de visão da estrutura social do bairro a partir da territorialização das relações sociais locais.

O segundo capítulo traz o enfoque para o espaço comercial do bairro, necessitando para isso, de uma inicial análise, bem como o seu resgate, a partir da teoria dos dois circuitos econômicos proposta por Milton Santos. Em seguida busca-se identificar a distribuição espacial do comércio local, identificando as ruas de maiores centralidades. Por fim neste capítulo, concretiza-se uma análise sobre as principais características dos comércios locais, mediante observações quantitativas e qualitativas a partir de entrevistas e questionários aplicados.

O terceiro capítulo introduz a temática da violência urbana sobre a estrutura espacial evidenciada anteriormente. Deste modo, inicia-se o estudo com as considerações teóricas acerca do fenômeno da violência urbana, no qual versará sobre autores que elucidam o tema e suas problemáticas. Em seguida, estipulamos uma análise da violência no contexto geral do bairro do Jeremias, recorrendo a estudos anteriores, e abrangendo também a cidade de Campina Grande.

Por último, analisamos o contexto de violência no bairro do Jeremias em sua íntima relação com os comerciantes, mediante a experiência destes obtidas através dos mesmos métodos utilizados anteriormente. Nas considerações finais, teremos a constituição das análises em conjunto com as dinâmicas evidenciadas no trabalho, de modo que possamos ter uma visão geral da problemática.

1. OS ASPECTOS SOCIOESPACIAIS DO BAIRRO DO JEREMIAS: UMA CARACTERIZAÇÃO.

Vivemos num espaço em redes, que se somam em escalas diferentes, e, por conseguinte, possibilita à ampliação dos lugares. A localidade perpassa por sistemas, onde os eventos locais possuem uma relação com a escala global, o espaço apresenta assim a sua unicidade, a inter-relação dos eventos geográficos, já que

Um evento é a causa do outro, mas o faz pela via do universo, com a intermediação da totalidade, conforme à totalidade. Isto tanto se dá com os grandes fatores de mudança global, como em níveis inferiores e em episódios banais. Uma modificação em um quarteirão afeta outros e não só os vizinhos. (SANTOS, 2008, p.106)

Os locais tornam-se assim inter-relacionados, de modo que as suas dimensões de atuação ultrapassam os espaços físicos em que estão situadas. Influem sobre o global, do mesmo modo que são influenciados por ele, estes se tornam os dois níveis essenciais aos geógrafos. Necessários são ao entendimento das mais variadas realidades espaciais, conforme aponta Santos (2008, p.164):

O nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial. Desde o nascimento, o acontecimento se inclui num sistema para o qual atrai o objeto que ele acabou de habitar. O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Isso quer dizer que outros acontecimentos, levados pelo mesmo movimento, se inserem em outros objetos no mesmo momento. Em conjunto, esses acontecimentos reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. Cada evento é um fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo.

É nessa perspectiva que devemos entender o bairro do Jeremias, de modo que este não pode ser caracterizado isoladamente, pois apresenta a sua complementaridade a partir de aspectos globais. Assim, é necessária uma abordagem que busque uma contextualização geral, iniciando-se a partir da escala representada pela cidade de Campina Grande, apresentando os

seus principais aspectos, e situando sucessivamente o nosso local de estudo na conjuntura interna da cidade.

Campina Grande¹ é um município do interior da Paraíba situada na macrorregião do Agreste Paraibano possui uma altitude media variante em torno de 555 m, localiza-se a 125 km da capital João Pessoa, possui uma população de 385 213 habitantes distribuídos em uma área total de 594,179 Km², e a sua densidade demográfica é de 648, 31 hab\km². Trata-se da segunda cidade mais populosa da Paraíba (PB), sendo caracterizada como uma Cidade Média, e com uma vasta área de influência. De acordo com o IBGE (2007), o município de Campina Grande classifica-se, no âmbito da hierarquia urbana nacional, como uma Capital Regional de nível B, cuja rede engloba 160 cidades. Ultrapassando os limites de sua microrregião, formada por sete cidades circunvizinhas, a sua rede de influência se estende assim por praticamente todo o Agreste paraibano e, de modo mais rarefeito, pelo Sertão do Estado, centralizando fluxos de importantes centros sub-regionais. A área total de sua rede de influência é de 46.464 Km², englobando uma população de 1.531.387 habitantes, tal fator evidencia a posição relevante apresentada pelo município no âmbito regional.

O espaço intraurbano da cidade de Campina Grande mostra-se bastante diversificado. Embora o seu CBD (Central Bussines District) ainda seja forte em sua capacidade de centralização, ele vem diminuindo sua influência, já que se observa hoje uma tendência à descentralização dos comércios e serviços, pelo espaço intraurbano, formando os chamados subcentros. Tal fator reflete a ampliação da mancha urbana da cidade, que possui hoje oficialmente 50 bairros, além de 4 distritos.

O bairro do Jeremias situa-se na Zona Norte de Campina Grande, região esta identificada de forma paisagística através de suas características geomorfológicas de relevo irregular com vários aclives e declives, estando próximo do bairro com as maiores altitudes da cidade (Cuités). Sua população segundo o IBGE Censo 2010² é de 10.629 habitantes (o que representa 2,8% da população total do município), sendo destes equivalentes a 5.052 homens (47,5% da população do bairro) e 5.577 mulheres (52,5% da população do bairro). Em relação à sua distribuição por cor/raça³, esta se apresenta predominantemente da cor Parda (53,6%), seguida da Branca (35,1%), Preta (7,2%) e Amarela (1,2%). O número total de habitações é de 2.998, cujo predomino é do tipo casa (98,8%), onde destas 80,1% são casas próprias,

¹ Os dados aqui apresentados estão disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=250400>

² Dados obtidos através do banco de dados disponível online em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>

³ Dados disponíveis online através do banco de dados em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php

19,2% são alugadas, 6,6% foram cedidas de outra forma e 0,9% possui outra condição de ocupação.

O bairro possui uma origem histórica baseada na concentração de populações provenientes de áreas rurais próximas à cidade de Campina Grande. Este fator se insere dentro do contexto de crescimento urbano e espacial, no qual a cidade foi se destacando, fazendo com que camadas de populações rurais pobres migrassem para a cidade em ascensão. Tal característica é determinante na elaboração da caracterização do atual perfil socioeconômico do bairro.

O bairro do Jeremias apresenta uma elevada incidência de pobreza, que pode ser demonstrada mediante as análises dos dados acerca da renda mensal da população local por domicílios privados permanentes⁴, no qual 87 % destes apresentam renda inferior a um salário mínimo (S.M.)⁵, sendo 20,5% abaixo de 1/4 do S.M., 33,5% entre 1/4 e 1/2 S.M. e 33,0% entre 1/2 e 1 S.M. Já os domicílios cuja renda mensal se apresenta acima de 1 S.M., e no qual representam apenas 8,3% do total, estão distribuídos da seguinte forma: 7,1% entre 1 e 2 S.M., 0,8% entre 2 e 3 S.M., 0,35% entre 3 e 5 S.M. e 0,03% acima de 5 S.M.. Os dados aqui apresentados evidenciam certa homogeneização do perfil socioeconômico do bairro, onde poucas residências se distanciam da realidade vivenciada pela baixa renda da população em termos totais do bairro. Deste modo o valor mediano mensal da renda é de R\$ 645, um dos mais baixos da cidade.

Dentre os indicies socioeconômicos do bairro, destaca-se aquele representado pelo número de residências que não apresentam nenhum rendimento mensal, no qual correspondem por 4,75% do total do bairro. A falta de um rendimento mensal simboliza uma luta ainda maior em relação à sobrevivência familiar, em casos que a fome se torna recorrente no dia-a-dia desta população. Fome que, aliais, atinge não apenas estes, mas em variados graus, a grande maioria dos habitantes do bairro.

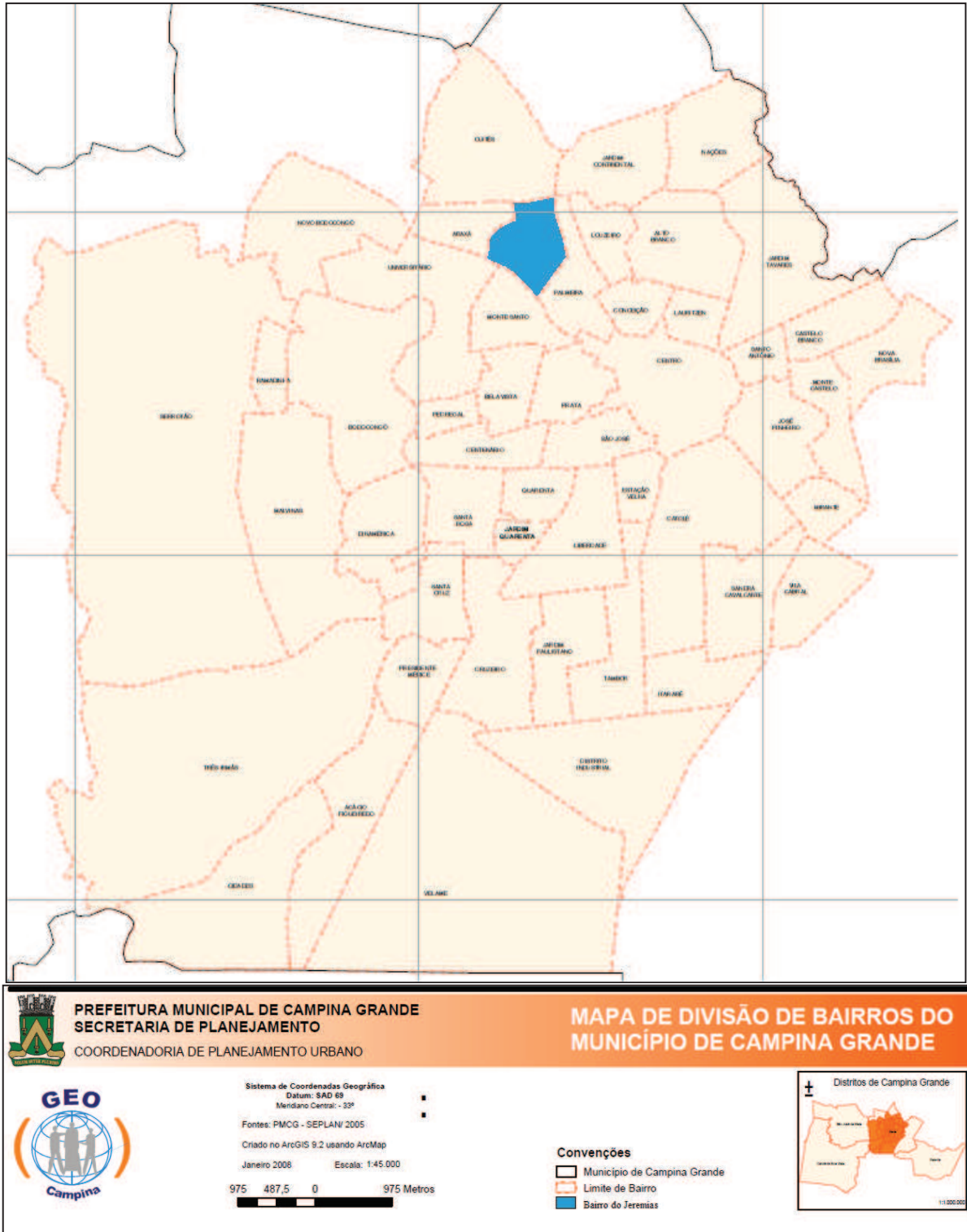
A baixa renda de grande parte da população local reflete ainda sobre a sua taxa de alfabetização, no qual apresenta um déficit de 18%, em relação à totalidade da população local. Indice ainda bastante elevado em contexto com a diminuição progressiva observada

⁴Os Dados aqui apresentados foram obtidos mediante o Censo 2010, sendo fornecidos para esta pesquisa através da SEPLAN (Superintendência de Planejamento do Município de Campina Grande-PB).

⁵ O Salário Mínimo aqui considerado é o decretado por lei no ano de 2010, sendo de R\$ 510.

nas esferas municipais, estaduais e federais. A figura 1. mostra a localização espacial do bairro do Jeremias dentro do âmbito municipal.

Figura 1. Divisão oficial, e Malha viária do bairro do Jeremias; adaptado por Santana, 2012.



Fonte: PMCG, Coordenadoria de Planejamento Urbano.

2.1 O processo de formação do bairro do Jeremias:

A acepção dos lugares nos tempos atuais está intimamente ligada à construção de seu passado, de modo que

[...] para ir ao encontro da interpretação dos lugares, a geografia tem que considerar que as formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, e que expressam a cada momento as relações sociais que lhe deram origem” (SILVA, 2010, p.02)

Ressalta-se, porém, que tal fator não significa uma sobreposição do tempo histórico em relação ao espaço geográfico, pois

[...] se consideramos o espaço tal como existe em dado momento, como uma realidade objetiva, e o tempo como as ações que nele se vão inserir, então é o tempo que depende do espaço e não o contrário (SANTOS, 2008, p.203).

Na realidade, nesta relação espaço-tempo o que existe é uma complementaridade, necessária para as análises da estrutura espacial de um dado momento. Isto devido ao modo de produção e as técnicas que concretizam o tempo passado, já que “cada lugar geográfico concreto corresponde, em cada momento, um conjunto de técnicas e de instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada” (SANTOS, 2008, p.56).

Assim, para entendermos melhor a atual conjuntura do bairro do Jeremias, é necessário fazer uma sucinta pesquisa histórica das suas origens e transformações ao longo do tempo. Para isso entrevistamos antigos moradores do bairro, buscando criar assim uma visão histórica da formação deste espaço a partir do depoimento oral da população. Tais moradores nos forneceram valiosos relatos acerca da origem e processo de urbanização durante o período de formação e constituição urbana do bairro, responsáveis por variadas informações aqui apresentadas.

A partir dos dados obtidos, concluímos que a história do bairro está ligada diretamente ao processo de expansão urbana da cidade, fator este que entre as décadas de 40 e 60 do século XX, apresentou-se de forma mais acentuada. Os fatores que impulsionaram este crescimento, no período, podem ser entendidos a partir da forte centralização econômica e

social da cidade, na qual estimulou a migração e, conseqüentemente, a expansão da sua mancha urbana, conforme nos mostra Lima (2004, p. 50 *apud* SARAIVA, 2009, p.35):

É preciso destacar que nem todos os imigrantes que abandonavam o campo ou as pequenas cidades do interior se dirigiam para o Centro Sul. Até pelo apego a terra natal tão decantada em verso e prosa pelos poetas nordestinos, era comum, antes de partirem para o distante Sul, esses imigrantes tentarem a sorte nas cidades maiores dentro da própria região. Ou seja, muitos desses imigrantes “optavam” por cidades onde houvesse alguma chance de conseguir emprego e, Campina Grande, sendo a cidade do Estado que apresentava maior ascensão econômica, torna-se pólo de atração para as pessoas que deixam o campo fugindo da seca ou deixam as cidades de menor porte onde as chances de emprego e de melhoria de vida são ínfimas.

Campina Grande se torna assim o novo centro de atração dos imigrantes, que, ao invés de se deslocarem para o já tão tradicional Sul, tentavam agora crescer economicamente nesta cidade. É nesse contexto e época em que se situa o relato de Severino José de Santana⁶, baseado em sua vivência acerca do processo de loteamento das terras do atual bairro do Jeremias, e a forte atração populacional existente neste período de intenso êxodo rural:

[...] O “povo tudo” trabalhava fazendo uns roçados nos terrenos eram vários sítios aqui. Agente vendia para uns tropeiros que vinham e levavam as frutas pra vender [...]. O pessoal que chegou primeiro “era” de vários locais, “tudo” de sítios, como Galante, Puxinanã, e de outros. Eu mesmo sou de um sítio lá em Lagoa de Dentro, vim “pra cá” pois fiquei sabendo da facilidade de comprar terreno com o “finado” Jeremias.(sic)

Em meados da década de 40, o uso local do solo era atribuído às atividades agrárias do antigo fazendeiro Jeremias Sergio de Almeida, dono de grande parte da área atualmente correspondente ao bairro do Jeremias. Este fazendeiro é considerado, portanto, como o fundador do bairro, tendo uma vida anteriormente votada ao comércio, decidiu se dedicar para a agricultura, conforme evidenciado a partir de uma breve biografia elaborada por Rodrigues (1996, p.127):

Jeremias Sergio de Almeida nasceu no Sítio Cuités, atualmente Jeremias a 16/03/1898, filho de José Henrique Sérgio de Almeida e Josefa Maria de Almeida, e faleceu a 16/07/1980. Casado três vezes, no primeiro matrimônio com Francilina Lopes de Almeida (viúvo) com quem teve duas filhas, no

⁶ Morador do bairro há 48 anos, esta fala foi concedida através de entrevista realizada em 19/06/2012.

segundo enlace com Maria Lopes de Almeida (viúvo) com quem teve nove filhos e no terceiro casamento com Luiza Maria de Almeida com quem teve dois filhos. Foi comerciante do ramo de estivas, deixando o comércio e se dedicando a agricultura pecuária. Foi ele quem deu o nome ao bairro do Jeremias, pois onde hoje se localiza o citado bairro era um terreno de sua propriedade.

A expansão da mancha urbana afetou diretamente uma vasta área, atribuindo assim novos significados em torno do espaço originalmente agrário, estipulando a esta a necessidade de assumir novas formas, adquirir novas funções, dessa vez com o predomínio dos aspectos urbanos. Estas características foram observadas durante o desenvolvimento do processo de urbanização do bairro, pois foi a partir desta expansão urbana, durante as décadas de 40 e 50, que Jeremias Sergio de Almeida, decidiu, já em torno de 1955, lotear as suas terras. Desse modo, o loteamento atraiu pessoas da zona rural de vários municípios e distritos circunvizinhos a Campina Grande. Esta população pobre inicialmente adquiriu as terras através de arrendamento, pagando assim um valor anualmente. Sobre este aspecto Maria Francisca⁷ relata como se dava a cobrança do valor imposto pelo fazendeiro:

Quem vinha cobrar era o próprio Jeremias e depois que ele morreu, vinham às filhas e netos cobrar [...] o valor era de 5.000 reis, 10.000 reis, ele cobrava de casa em casa, ele vinha e dava os recibos de pagamento [...] era barato, ele cobrava até “o povo” pagar o valor das terras. Era de ano em ano, todo mês de Janeiro, passava Jeremias cobrando, ou comprava completo ou pagava o arrendamento, como quase ninguém tinha o dinheiro das terras então pagavam a ele o arrendamento, e se a casa caísse ele tomava o terreno, ele ameaçava tomar o terreno de quem não pagasse [...], alguns compravam o terreno com medo dele tomar. (sic)

O início da ocupação da área esteve ligado assim com a certa submissão econômica da população local em relação ao fazendeiro Jeremias, isto devido á manutenção da taxa de anuidade cobrada pela aquisição do terreno. Em relação ao valor cobrado pelas terras, vale ressaltar que ele perpassou décadas, existindo até meados da década de 90, entre alguns poucos moradores que pagavam certo valor anual aos filhos e netos descendentes do fazendeiro. Isto mudou, pois vários moradores conseguiram comprar efetivamente as residências, levando a regularização do espaço pelos órgãos públicos responsáveis pela urbanização da cidade, Severino José Santana relata que a própria prefeitura passou a orientar os moradores para o não pagamento das taxas. Porém, ainda existe na atualidade conflito

⁷ Moradora do bairro há 53 anos, esta fala foi concedida a partir de entrevista realizada em 23/08/2012.

pelas terras, principalmente devido à indefinição dos limites de muitos terrenos que foram ampliados pelos moradores em detrimento de espaços vizinhos.

Durante a década de 60, período de intenso crescimento do bairro, as habitações eram predominantemente feitas a partir da utilização de barro e bambu, sendo conhecidas como “casas de taipa”. Evidenciando, a partir das descrições da paisagem original do bairro, a sua característica de centralização de populações pobres e socialmente marginalizadas, já que este local se tornou ponto de encontro de populações que buscavam na cidade em crescimento a chance de melhoria de vida. O que entendemos é o papel do bairro como reflexo do resultado das migrações internas na Paraíba, e a cidade de Campina Grande como concentradora de recursos, investimentos e conseqüentemente pessoas.

O número de habitantes foi crescendo rapidamente, e as condições de infraestrutura urbana, se mostravam extremamente precárias durante grande parte da história do bairro. Nas décadas de 70 e 80, o bairro não possuía nenhuma rua pavimentada, o que dificultava a circulação de transportes, e criava péssimas condições de moradia. Outro problema agravante neste mesmo período, era a falta de uma rede de saneamento básico no bairro, sendo este o principal motivo da proliferação de inúmeras doenças relatadas a partir dos depoimentos obtidos.

Um dos fatos mais marcantes na história da formação do bairro, certamente foi criação do conjunto habitacional Promorar⁸, construído pelo projeto de mesmo nome, foi promovido pelo governo federal durante a ditadura militar, mais especificamente no governo de João Figueiredo (de 1979 a 1985), o contexto em que este projeto ganha forma, é demonstrado por Brasileiro (2000, p. 101) na seguinte passagem:

Nos momentos que antecederam o Promorar, o regime militar contava com o seu último presidente João Baptista Figueiredo. Nessa época de um quase “apagar de luzes” do governo militar, os seus níveis de popularidade estavam em queda, e havia toda uma estratégia de marketing onde a postura adotada era a abertura política.

O projeto Promorar visava à erradicação das favelas no Brasil, e sua efetivação criou inúmeros conjuntos habitacionais em várias cidades, tendo, portanto, uma significativa

⁸ PROMORAR – Programa de Erradicação de Sub-habitações, criado ao final de 1979 pelo Governo Federal, atuava em conjunto com as esferas Estaduais e Municipais, com a criação de conjuntos habitacionais nos espaços onde se localizavam as chamadas “sub-habitações”. (BRASILEIRO, 2000, p.52)

abrangência pelo território nacional. Este fator mostrava a sua dimensão estratégica, já que alimentava a ilusão de um bem-estar econômico e servia como propaganda da ditadura em plenos momentos da chamada “década perdida”. A uniformidade da nomenclatura destes conjuntos era um grande aspecto de homogeneização, já que encontramos inúmeros bairros atuais com a mesma toponímia. Em Campina Grande, o projeto foi implantado especificamente durante o governo de Enivaldo Ribeiro (prefeito da cidade de 1977 a 1983). Sobre este fato Antônio Barbosa da Silva⁹ relata a sua participação numa reunião promovida pelo prefeito na antiga S.A.B.¹⁰ do Jeremias:

O prefeito chamou “o povo lá pra” S.A.B. [...], aí lembro que ele falava sobre o quanto os terrenos seriam grandes, e que na verdade ele entregaria um “projeto” de casa, e que o “povo” é que tinha que aumentar elas [...]. Pode ver que hoje os terrenos do conjunto são enormes e as casas foram todas modificadas. (sic)

Observamos através deste depoimento, o quanto a implantação de um conjunto habitacional foi um acontecimento importante na história do bairro. A construção deste conjunto nas imediações do bairro foi de fundamental importância para a expansão urbana deste, representando assim um grande vetor de crescimento populacional na área.

Além de aumentar de forma direta o contingente populacional do bairro, a implantação de um conjunto habitacional, também fez ampliar a natureza da concentração de populações pobres que o bairro já vinha apresentando desde o modo como ele foi originado. Logo, o espaço do bairro foi desenvolvendo-se de forma diretamente relacionada com a pobreza e segregação, e conseqüentemente surgindo assim uma conjuntura propícia para a dimensão da violência.

Outro espaço importante para a história da totalidade do bairro é o início da formação da área denominada localmente como o bairro do Araxá. Quanto à formação deste espaço urbano, o morador Antônio Barbosa da Silva afirma que este local foi inicialmente loteado por Esaú Catão, dono das terras vizinhas das de Jeremias, embora ele ressalte que

⁹ Morador do bairro há 54 anos, esta fala foi obtida através de entrevista concedida em 22/06/2012.

¹⁰ S.A.B.: cujo significado é “Sociedade dos Amigos do Bairro”, tratava-se de um local reservado para reuniões e discussões acerca de assuntos comunitários. Suas origens remontam em Campina Grande ao ano de 1958, data dos primeiros movimentos comunitários que impulsionaram a construção da primeira SAB da cidade em 1962, localizada no bairro do José Pinheiro, logo se disseminaram para vários bairros da cidade este modelo de integração comunitária (SOUZA, p.103-104).

alguns locais foram ocupados ilegalmente, especialmente em torno de um antigo riacho que atravessava a área. Este espaço foi ao longo do tempo incorporado oficialmente ao bairro do Jeremias, através de sua criação nos órgãos públicos. Sendo apenas no final da década de 80, através da lei municipal nº 1.542, de 06 de maio de 1987, que este espaço passou a ser definido pela prefeitura como um bairro.

Durante este mesmo período, década de 80, alguns moradores relataram que no bairro havia a existência de graves problemas relacionados às questões socioambientais. Isto devido à inadequação da ocupação em relação às suas características geomorfológicas, pois como o bairro se localiza numa área de vertentes, acaba-se propiciando problemas de enchentes e alagamentos nas áreas mais baixas do bairro. Com a total falta de equipamentos urbanos básicos, a população do bairro viu-se disputando espaço com córregos e pequenos lagos previamente existentes. O resultado foram anos de problemas de alagamentos de ruas inteiras, somente no início da década de 90, através da construção de uma rede de saneamento local, é que se tiveram as primeiras ações públicas que visaram resolução destas questões.

Para resolver os problemas constantes de alagamentos no bairro, foi promovida pela prefeitura municipal, nos fins dos anos 90, a canalização subterrânea dos pequenos córregos. Estes foram direcionados para o açude de Bodocongó, havendo dessa maneira a união do escoamento fluvial local com a micro bacia do riacho de Bodocongó. Porém, estas políticas resolveram de maneira parcial as problemáticas ligadas ao escoamento superficial da água, já que estas tubulações subterrâneas apresentam-se em constantes desgastes, havendo danos e problemas periódicos das instalações de saneamento. Assim, observamos que uma problemática de caráter ambiental, acaba se tornando, também, essencialmente urbano, havendo até mesmo a necessidade de rever as políticas urbanistas adotadas pelo município.

Em meados de 1985, os imóveis construídos sem registros foram sendo legalizadas pelo governo, porém não foram implantadas melhorias diretas na qualidade das habitações e infraestrutura urbanística do bairro. Deste modo, grande parte dos seus habitantes são, ainda na atualidade, pessoas pobres que sofrem com o descaso e falta de oportunidades. Estas considerações são necessárias, pois evidenciam a origem do bairro a partir da segregação socioespacial, que persiste durante décadas e parece irremediável, pois

[...] hoje a exclusão não é percebida como uma momentânea e remediável má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo. Além disso,

nesse momento, a exclusão tende a ser uma via de mão única. É pouco provável que se reconstruam as pontes queimadas no passado. E são justamente a irrevogabilidade desse “despejo” e as escassas possibilidades de recorrer contra essa sentença que transformam os excluídos de hoje em “classes perigosas”.(BAUMAN, 2009, p. 23)

A evolução da infraestrutura do bairro foi de elevada importância, porém, ela não se deu de modo homogêneo pelo espaço, fator este que orientou a existência de vias centrais e conseqüentemente a centralização dos comércios e serviços locais. A primeira rua que recebeu a pavimentação foi justamente a mais antiga, sendo ela a Rua Santo Inácio, localizada ao sul nas proximidades do bairro da Palmeira, esta rapidamente se tornou o local de fluxo dos transportes coletivos. Porém, este contexto de ruas principais veio a se reestruturar a partir da ampliação da infraestrutura do bairro do Jeremias. Tal fator deu-se de modo muito lento, sendo somente a partir do início da década de 90 que ocorreram à implantação dos principais equipamentos urbanos no bairro.

Com a pavimentação realizada nas ruas Conde Monte Cristo e São Rafael, realizado a partir do aterramento e nivelamento destas ruas, estas se tornaram vias de acessos centralizadores da circulação e parada dos transportes coletivos. Estes, por sua vez, amplamente utilizados pela população local, no qual geralmente não possuem o seu próprio meio de transporte e acabam necessitando se deslocar para estas duas ruas com o intuito de utilizar os meios coletivos. Tal aspecto fez com que estas vias acabassem tornando-se pontos de convergência da população local, e assim possuísem um alto nível de circulação de pessoas e mercadorias. Paralelamente, esta centralidade atribuída forneceu o aspecto necessário ao surgimento de diversos espaços comerciais. Estes comerciantes fortaleceram ainda mais o aspecto de especialização de ambas as ruas e criaram a característica primordial deste espaço como o centro comercial do bairro.

Com estas breves análises, observamos que contexto histórico do bairro do Jeremias é rico em detalhes, a sua pertinência nos mostra a necessidade de uma futura abordagem ainda mais aprofundada e específica. Entender a dinâmica dos espaços geográficos significa não se limitar a um estudo simplificado da atualidade, como se o hoje não trouxesse consigo resquícios do ontem, e estes, por sua vez, não influenciassem na elaboração do amanhã. Somente com esta consideração é que poderemos caracterizar o nosso espaço de análise no contexto de nosso tempo simultâneo.

2.2 O bairro do Jeremias na atualidade

A partir dos anos 2000, o bairro do Jeremias (fotografia 01) apresentou um rápido crescimento, tanto no número de habitantes quanto na introdução de inúmeros equipamentos urbanos. As ruas foram, em sua grande maioria, pavimentadas, as vias centrais do bairro receberam uma melhoria ainda maior, já que foram totalmente asfaltadas. De acordo com o IBGE Censo 2010, a canalização do esgoto e água atingiu também um grande número de residências, chegando a 99,5% da população atendida pela rede geral de distribuição, e 99,52% atendidos diretamente por serviços públicos de limpeza. Quanto ao esgotamento sanitário, 85% das residências são atendidos pela rede geral de esgoto, enquanto 25 % utilizam outras formas como fossa séptica, ou até mesmo não possuem esgotamento sanitário. Porém, vale ressaltar que ainda existe um déficit de manutenção destes equipamentos, e após cerca de 20 anos de existência, estes instrumentos já se apresentam em decadência e sucateados devidos à falta de manutenção.

Fotografia 01: Bairro do Jeremias, vista parcial;



Fonte: Pesquisa de Campo, set./2012.

A partir de observações diretas da paisagem do bairro, nota-se ainda que o conjunto Promorar é, ainda, a área com os maiores problemas na questão estrutural, onde a falta de pavimentação e esgoto encanado são os principais deles, conforme pode ser observado nas fotografias 02 e 03.

Fotografias 02 e 03: Ruas no conjunto Promorar, ressalta-se o esgoto a céu aberto, falta de pavimentação e ampla modificação das características originais das residências.



Fonte: Pesquisa de Campo, set./2012.

O descaso nessa área do bairro é alarmante, as condições de moradia, embora estas sejam em sua totalidade de alvenaria, acabam se tornando insuficientes em relação à qualidade para os moradores, isto devido à falta de saneamento básico no local. Dentre os maiores problemas apresentados por este cenário, se destaca a proliferação de insetos e doenças, diretamente atribuídas à falta de infraestrutura urbana. As suas características de homogeneização paisagística, própria dos conjuntos habitacionais, foram sendo perdidas ao longo do tempo, devido à individualização das residências, a partir da modificação das suas formas, com ampliação das casas, e conseqüentemente, reestruturação das habitações. O que resta hoje são as poucas rugosidades da original forma do conjunto habitacional evidenciando a mudança radical que este espaço vem apresentando ao longo do tempo.

No bairro como um todo se observa heranças de seu passado rural, verdadeiras rugosidades se manifestam pelas vizinhanças. Alguns moradores, principalmente os mais antigos, ainda preservam costumes e estilos de vida próprios de suas origens rurais alguns deles ainda tentam manter pequenas produções pecuárias, especialmente a bovina e caprina, disputando espaço com o meio urbano, em meio às poucas áreas verdes ainda existentes no bairro, e no geral, praticamente devastadas pelo lixo acumulado nesta área. Estes moradores

perdem cada vez mais as condições de permanência destas práticas, pois se observa uma nova expansão da mancha urbana local, os “espaços verdes” se tornam gradativamente escassos, e estes resquícios de ruralidades em meio ao urbano vão aos poucos sendo extintos. Como alguns possuem estas atividades como fonte de renda, estes problemas acabam tornando-se de ordem socioeconômica. O modo de coexistência do meio rural e urbano é assim evidente. Observa-se também, que esta existência mútua de aspectos próprios do espaço rural em meio ao urbano, também expõe uma natureza conflituosa. O contraste entre o espaço urbano e o “espaço verde” no bairro, fica evidente na fotografia 04:



Fotografia 04: “Espaço verde” no bairro do Jeremias
Fonte: Pesquisa de Campo, set./2012.

Visando comportar a grande demanda de crianças e adolescentes em idade escolar, foram construídos dentro da área equivalente ao bairro, algumas escolas, grupos escolares e creches, que significaram uma melhor ampliação da rede de ensino na região norte de Campina Grande. Dentro do próprio bairro se destaca a Escola Estadual de Ensino Fundamental Poetisa Vicentina Figueiredo Vital do Rêgo, também conhecido como Padrão Jeremias, construída em 2001, absorveu o crescente número de estudantes com necessidade de Ensino Fundamental II. A escola mais antiga do Jeremias é o Grupo Escolar Jeremias Sérgio de Almeida, cujo nome foi dado em homenagem ao fundador do bairro, possui o ensino básico de nível primário. Posteriormente foram construídas as escolas: Grupo Escolar Heleno Henrique e o Colégio Estadual Professor Anésio Leão, este ultimo localizado no

bairro da Palmeira, porém responsável pelo atendimento da demanda de estudantes provenientes dos bairros do Jeremias, Continental e Cuités.

As características atuais do bairro, quando observadas a partir apenas de suas aparências, pouco evidenciam a totalidade exercida pelas dinâmicas relacionadas com o seu aspecto histórico, aparentam-se aleatórias, um emaranhado de formas e objetos dispostos pelo espaço. Este fator, porém, é próprio da paisagem urbana, pois esta “enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história” (CARLOS, 2007, p. 24). Logo numa abordagem mais aprofundada, observamos que as problemáticas atribuídas a este espaço atual, possuem relações a partir de sua conjuntura originada, entre diversos fatores, especialmente pela sua formação.

O modo como o bairro apresentou uma centralidade de populações cujas origens remontam para aspectos de segregação socioespacial, nos leva ao entendimento de que os atuais aspectos de violência, objeto de nosso estudo, podem ser explicitados como um fator de reflexo da segregação. É através destes aspectos que também compreendemos o motivo da lentidão na implantação efetiva de equipamentos urbanos básicos nesta área, já que a sua natureza segregada o coloca muitas vezes à margem dos investimentos. Isto o transforma em um espaço com vários problemas estruturais, sejam no aspecto socioambiental, sanitário, urbanístico, entre outros. Todos estes fatores nos levam a atual heterogeneidade do lugar, originado a partir de perspectivas diferenciadas, no qual conferem uma rede de relações sociais que distinguem o espaço.

2.3 O bairro do Jeremias e suas heterogeneidades.

Quando falamos de um bairro estamos espacializando a análise levando em consideração a existência de um território, este conseqüentemente delimitado trata-se de uma fragmentação do espaço levando em consideração aspectos pré-existentes. É necessário, portanto, compreender como se apresenta a noção de “bairro”, estimulando a discussão acerca dos seus limites estabelecidos. Ao analisar um bairro nos deparamos com suas heterogeneidades, estas são apresentadas a partir da perspectiva da vivência. A forma de pensar o bairro, porém, perpassa pelas divergências das análises acerca do lugar ou até mesmo sobre o espaço geográfico.

As perspectivas de análises se tornam, pelo fato de que o espaço é um aspecto primordial e de interesses de variados ramos do conhecimento, dotadas de significados e estes, por sua vez, apresentam teor político e filosófico. Dentre as variadas visões teóricas acerca da noção de bairro, podemos destacar, a partir das considerações elaboradas por Azevedo (2011), de modo simplificado as seguintes perspectivas:

- *A perspectiva morfofuncionalista*: o bairro é entendido a partir de seu conteúdo social, paisagem, sítio e função, cada objeto espacial irá trazer uma singularidade específica ao bairro.
- *A perspectiva marxista*: o bairro é considerado como um substrato social para as contradições dialéticas do modo de produção capitalista, assim o bairro é construção subjetiva e realidade objetiva aceita pelos moradores locais e pelo todo da cidade.
- *A perspectiva fenomenológica*: leva em conta a vivência imediata do homem com o espaço, tal fator influencia a delimitação do bairro aceita pelas demais perspectivas, já que considera os simbolismos inerentes à população do lugar.
- *O bairro como um recorte de políticas territoriais*: criado a partir das políticas públicas de gestão do território, este é considerado a divisão “oficial” do bairro, está assim ligado com variados interesses políticos e econômicos.

A variação conceitual engloba muitos dos objetivos, e diretrizes adotadas pelas filosofias aceitas e geralmente adaptadas pelo teor das análises. Porém, acentuam-se as divergências quando analisamos o modo como o bairro é delimitado pelos órgãos públicos de administração e planejamento territorial, em relação àquele atribuído pelos moradores locais. O Estado, como um importante instrumento atuante na organização espacial das cidades, concebe sua própria forma de fragmentação do espaço intra-urbano, esta baseada por interesses políticos e econômicos. A divergência entre os limites considerados oficiais e concretizados como legais e, portanto, “reais”, com aqueles estabelecidos pela perspectiva do lugar e vivência dos habitantes são evidentes, conforme nos mostra Tuan (1983, p.188):

Cada bairro é uma pequena parte de uma área construída maior, e não está claro onde termina uma unidade e começa a outra. Um planejador, ao olhar a cidade, pode discernir áreas de características físicas e sócio-econômicas bem definidas; ele as chama de distritos ou bairros e lhes atribui nomes se

ninguém ainda lhes deu um. Para ele, estes bairros são lugares, pois têm significação com conceitos intelectuais. Como seria a percepção das pessoas que vivem em tais áreas? Será que elas também veem que, na sua área, as casas têm estilos semelhantes e que a maioria das pessoas pertencem à mesma classe sócio-econômica? A resposta é forçosamente não. Os habitantes locais não tem motivo para cogitar sobre esses conceitos que nada têm a ver com suas necessidades imediatas. Com esta consideração observa-se o desacordo entre a divisão oficializada do planejamento urbano e aquela atribuída pelos moradores. Tal fator aproxima a nossa análise da perspectiva fenomenológica, ao analisarmos a construção do lugar a partir do indivíduo nele presente.

A divisão oficial apresenta-se num momento, como aspecto formal, concreto e indivisível. Pois a sua limitação e constituição é determinada por lei, possuindo assim um elemento administrativo, o bairro passa a ser estrategicamente delimitado. O Estado atribui para si um conceito próprio de bairro, conforme pode ser visto, por exemplo, na Lei Orgânica do Município de Campina Grande, Título I, Capítulo III, Seção V, Artigo 23, § 1, Parágrafo I: “o bairro constitui-se de um espaço delimitado territorialmente, com características físicas homogêneas e de constituição histórica comum”.

De acordo com a lei, o conceito de bairro aceito pela Prefeitura Municipal de Campina Grande leva em consideração tanto aspectos históricos como espaciais, na constituição dos limites e toponímias dos bairros. A problemática maior é que esta lei acaba considerando, de acordo com a expressão utilizada, apenas o espaço físico, entendido assim como as formas manifestadas a partir da paisagem. Portanto, ao se utilizar a expressão “características físicas homogêneas” generaliza-se assim o espaço delimitado, possibilitando a caracterização dos bairros de acordo com os mais variados interesses. Ao estipular como critério apenas as condições físicas, fica evidente que o conceito estabelecido por lei não leva em consideração a dinâmica atribuída pelas redes sociais existentes nos espaços consecutivamente delimitados. Amplia-se ainda mais a problemática quando a lei considera como necessária aos bairros uma “constituição histórica comum”, fato que na realidade não se concretiza, devido a enorme heterogeneidade existente no processo de formação dos espaços urbanos. Logo, os bairros criados pelo poder público são, na realidade, muitas vezes apenas territórios administrativos, que pouco fazem sentido em relação à identidade espacial das populações locais.

Diferente da conceituação “oficial”, as noções de bairro atribuído aos moradores são internamente convergentes e possuidores de uma dinamicidade maior, já que os

indivíduos conferem significados variados acerca das divisões e toponímias estabelecidas. A diversidade de significações atribuídas aos moradores estaria relacionada com a própria abstração necessária para a percepção individual de um possível conceito de bairro, já que “a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro é um conceito” (TUAN, 1983, p. 189).

Esta forma de abstração relacionada ao bairro pode ser obtida, a partir de um estímulo por um pensamento coletivo em harmonia com a historicidade do lugar, assim

[..] o sentimento afetuoso que se tem por uma esquina expande-se para incluir a área maior. Embora um acontecimento externo como a reurbanização, permita as pessoas enxergar a unidade maior, esta percepção se torna bem real se a unidade, de fato, tem um forte sabor local, caráter visual e limites definidos. As casas e as ruas por si mesmas não criam um sentimento de lugar, porém se elas forem diferentes esta qualidade perceptiva poderia ajudar muito os habitantes a desenvolver a consciência de um lugar maior. (TUAN, 1983, p. 189-190)

O teor histórico de cada espaço mostra, quando relacionado aos aspectos de vivência da população local, a capacidade de abrangência da escala do lugar, não apenas atribuído ao espaço imediato da casa e rua, mas sim a um sentimento de pertencimento a um espaço maior, único e diferente a partir da sua diversidade.

O bairro do Jeremias é um exemplo notável da heterogeneidade de formas e funções dentro do espaço social intraurbano, e a sua conseqüente divergência em relação aos limites políticos estabelecidos. O seu desenvolvimento é marcado pela aglutinação de populações diferenciadas, o uso do solo urbano foi estimulado à produção inicialmente rural, pequenos sítios concretizavam uma agricultura familiar, com destino ao centro comercial da cidade. Com o passar do tempo às funções foram se modificando de acordo com o crescimento populacional, a sobrevivência deixou de ser rural e passou a se constituir amplamente urbana, com residências exclusivamente habitacionais, e comércios.

O crescimento populacional no entorno imediato divergiu com a unidade territorial estabelecida a partir do domínio local do fazendeiro Jeremias Sergio de Almeida. Nas proximidades, Esaú Catão realizou o loteamento de suas terras, na qual atraiu novas populações, porém parte ocupou terrenos na área de forma ilegal, estas populações logo se desassociaram do restante do bairro, elas mesmas caracterizaram a região como um bairro, o

chamado “Araxá”. Em paralelo o Estado criou um conjunto habitacional denominado Promorar, no qual rapidamente manteve-se distante das redes de relações prévias do bairro. E por fim as expansões da malha urbana dos bairros circunvizinhos se inseriram na área. Tais aspectos históricos não foram levados em consideração pela gestão pública no processo de divisão espacial do bairro, no qual todas as áreas englobando a antiga área loteada por Jeremias, a área invadida, o conjunto habitacional, e parte originalmente atribuídas aos bairros do Monte Santo e Palmeira, foram assim agrupados com uma única toponímia e limite, sendo denominado de bairro do Jeremias.

Com as características encontradas a partir da análise histórica e da observação empírica, ressalta-se a necessidade de criação de uma proposta que vise justamente melhor caracterizar a área de estudo. Isto possibilita que ao observar o modo como a população local entende a territorialização do bairro, compreendemos como se tem a concretização do lugar para a população. Dessa forma, a figura 2 foi elaborada a partir da consideração destes fatores, buscando-se a compreensão da territorialização de áreas do bairro tal como estas são entendidas pelos moradores, a base é, portanto, empírica, podendo haver generalizações, porém ela deve ser apreendida como uma proposta cuja finalidade é essencialmente o de demonstração.

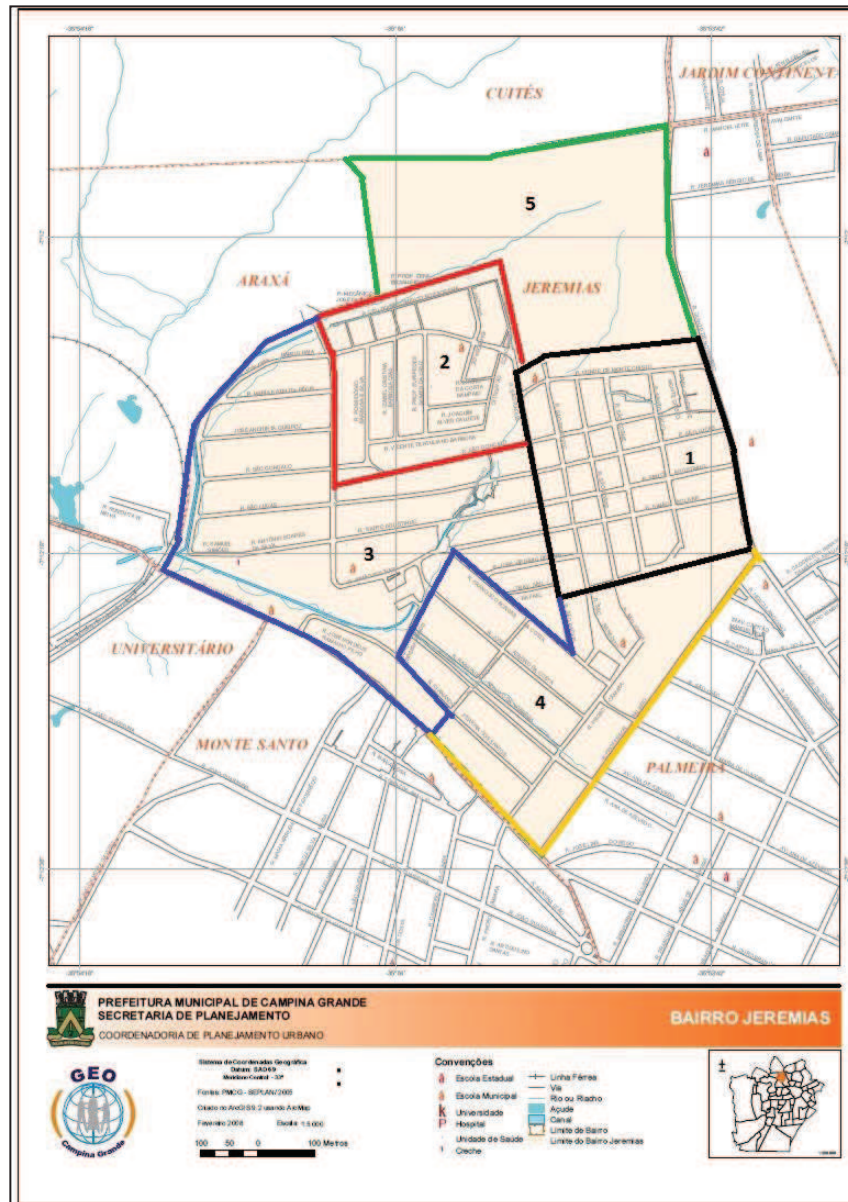


Figura 2: Proposta de espacialização do Bairro do Jeremias
Fonte: PMCG, Coordenadoria de Planejamento Urbano (adaptado por Santana, 2012)

Para fins de análise, iremos distinguir os espaços delimitados no mapa a partir de seus respectivos processos de formação, cujas características foram identificadas com a pesquisa da história oral do bairro. Seus limites foram estabelecidos com a observação empírica da paisagem, e através de informações obtidas mediante relatos dos moradores, que em vários momentos mostraram a validade desta territorialização representada na figura. Deste modo, podemos atribuir a cada área os seguintes aspectos:

- *Área número 1:* é caracterizada como sendo o local onde historicamente ocorreu o loteamento das terras por Jeremias Sergio de Almeida, este entendido localmente como sendo a atribuição total do Bairro do Jeremias. Uma análise interessante advém

da tipologia das malhas viárias neste espaço, observa-se que estas se apresentam bastante retilíneas e uniformes, cujas quadras acabam denotando a sua natureza de uma área cuja origem é a de loteamento.

- *Área número 2:* trata-se do antigo conjunto habitacional Promorar, atualmente os moradores ainda utilizam esta nomenclatura para designar esta área, se diferenciando assim das demais áreas atribuídas ao bairro, é importante observar a clara diferenciação da malha viária deste espaço, isto devido ao seu planejamento original ser conferido pela prefeitura de Campina Grande.
- *Área número 3:* é caracterizado localmente como sendo o bairro do Araxá, ruas longas e retilíneas diferenciam este espaço, apresentou-se inicialmente como uma área loteada por Esaú Catão. Porém, em certos locais a ocupação deu-se de modo mais desordenado e ilegal, principalmente ao redor de um antigo riacho seguindo assim o seu curso, atualmente este riacho foi canalizado e a área torna-se precária até hoje em condições de acesso e infraestrutura.
- *Área número 4:* se apresenta como um espaço originado a partir da expansão urbana dos bairros da Palmeira e Monte Santo, a sua população de modo geral pouco se identifica com o bairro do Jeremias.
- *Área número 5:* esta mostrar-se como sendo um espaço mais natural cuja funcionalidade para o resto bairro apresenta-se pela possibilidade de manutenção de variadas práticas rurais, este local vem sendo alterado e destruído de modo cada vez mais evidente, a deposição de lixo é o principal problema observado nesta área.

Com essas breves análises, podemos observar a heterogeneidade do local, facilitando assim a compreensão da complexa realidade evidenciada no bairro. A maneira como o bairro é visto a partir da perspectiva do lugar, onde os habitantes atribuem significados diferenciados daqueles destacados como sendo os oficiais, acaba representando a busca por uma espacialização que faça sentido aos habitantes das mais diferentes áreas. Logo, caso levássemos em consideração apenas os limites estabelecidos pelos órgãos públicos, como a única e soberana forma de espacialização do local, limitaríamos à noção de bairro apenas a um aspecto político, onde os interesses se afastam daqueles que realmente fazem a existência do lugar, ou seja, dos moradores, neste sentido observamos que estas áreas acabam possuindo uma territorialização diferenciada e significativa.

3. EM BUSCA DE UMA CARACTERIZAÇÃO COMERCIAL DO BAIRRO JEREMIAS: Breves considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana

Dentre das diversas esferas de análise social da realidade do bairro do Jeremias, o espaço do comércio atribui uma significação importante. Ele apresenta um recorte espacial dotado de uma acepção que abrange de certo modo todo o bairro, sendo assim, a sua compreensão revelará, por conseguinte as demais relações sociais, esta importância está evidenciada em Diniz (2012, p.48):

Entende-se que o pequeno comércio, na condição de atividade do circuito inferior da economia urbana, constitui um objeto que reflete, sobretudo, as diversas situações cotidianas dos indivíduos que habitam os espaços periféricos da cidade, a exemplo das novas situações de violência e medo dominante no meio urbano atual das cidades brasileiras.

Por tratar-se de um objeto atribuído dentro de uma lógica baseada na teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, torna-se necessário esclarecer esta para melhor caracterizar a área de estudo. Devemos primeiramente apresentar de uma forma explícita e simplificada o conceito dos dois circuitos da economia urbana, cujo caráter é introdutório, buscando evidenciar o desenvolvimento desta teoria. Isso se deve ao fato de que a teoria possibilita, de certa forma, situar o tema e o local de estudo na caracterização da globalização e desigualdade social. A importância desta teoria na geografia urbana é assim notável, e a sua aplicação se torna essencial ao nosso estudo.

A elaboração desta teoria veio como uma resposta de Milton Santos (2004), a estudos sobre os países subdesenvolvidos organizados essencialmente por pesquisadores estrangeiros, originários de países desenvolvidos. Com isso, ele explicita em sua obra “O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” que, de início a economia dos países subdesenvolvidos foi considerada muitas vezes, pelos pesquisadores, como sendo “morta”, ou seja, sem nenhum dinamismo e significância. A partir desta visão, Milton Santos elaborou sua crítica, e constrói assim a sua própria teoria, com base numa visão interna dos aspectos econômicos presentes nos países subdesenvolvidos, que acaba mostrando a realidade da grande complexidade existente nesta economia urbana, além dos fatores que influem na produção do espaço nestes países.

Para poder dar forma à teoria dos dois circuitos econômicos, Milton Santos realiza uma análise das modernizações, tanto no aspecto histórico como a sua aplicação atual. Para ele as modernizações caracterizam vários períodos históricos, e criaram implicações locais de necessidade, isso se deve as generalizações que os objetos criados tendem a apresentar em um determinado momento (SANTOS, 2004, p.32-35). A seletividade do impacto destas modernizações mostra nas mais diversas escalas, que as desigualdades econômicas impedem com que os espaços sejam modernizados de forma homogênea, tal fato faz com que as camadas mais baixas da população busquem formas alternativas de se inserirem no meio econômico e usufruam dos “benefícios” apresentados por estes objetos.

Com a modernização tecnológica, a busca por meios alternativos de inserção das populações mais pobres, nas modernizações apresentadas, se tornou mais intensa, isso se deve a uma grande tendência da mídia em apresentar os objetos criados pelo advento tecnológico, como sendo uma necessidade humana de consumo, o que acaba atingindo brutalmente todas as camadas da população. Os meios alternativos se dão muitas vezes pela falsificação de diversos produtos, visando assim à maior obtenção, mesmo que parcial, dos “benefícios” apresentados por estes objetos, procurando satisfazer o mínimo possível o desejo de consumo imposto pela mídia (*Ibidem*, p. 35-38).

Com todo o aspecto imposto pelas modernizações, Milton Santos chega à conclusão da existência de dois circuitos econômicos que atendem diferencialmente a população e se torna um dos elementos essenciais na caracterização dos países subdesenvolvidos. A divisão está entre o *circuito superior*, que atende aquela população que possui condições necessárias para a sua participação direta no advento das modernizações, e o *circuito inferior*, que atende a população que não possui estas condições e que procuram por meios alternativos de inserção (*Ibidem*, p. 40-41). A partir destas considerações, definiremos as principais características de cada circuito, visando um suporte para análise dos aspectos comerciais do bairro do Jeremias, utilizando uma seleção destas características apresentadas na obra do referido autor, sendo elas:

Quadro 1 – Características básicas da teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariados	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade	Pequena quantidade
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão
Crédito	Bancário institucional	Pessoal não-institucional
Relações com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Publicidade	Necessária	Nula

Fonte: (*Ibidem*, p.44 adaptado por Santana, 2012)

Os circuitos econômicos propostos buscam entender o espaço a partir de sua totalidade, levando em consideração a unicidade de ambos os circuitos, porém em realidades compostas por desigualdades, o espaço se apresenta como reflexo destas, surgindo assim segmentações intrínsecas ao espaço atual. A cidade torna-se palco destas relações de modo que ao estudar a espacialidade do comércio, encontramos estas diferenciações que criam a necessidade de uma abordagem específica às diferentes realidades. O pequeno comércio certamente nos mostra que estas características englobam a esfera da sobrevivência e necessidade daqueles que estão, muitas vezes, distantes das grandes dinâmicas do capital.

Com estas características elencadas conseguimos diferenciar facilmente os dois circuitos, de modo que possamos ter uma noção da espacialidade apresentada pelos comércios no bairro do Jeremias, já que o pequeno comércio se mostra ali predominante. A desigualdade social torna-se um dos principais motivos desta diversidade de funções exercidas pelos comércios, de modo que aponta a existência de uma esfera comercial dotada de uma finalidade, representada pelo uso especialmente das camadas mais pobres da população, voltada assim para satisfazer as necessidades básicas desta parcela expressiva da população.

A noção de circuito inferior, em relação aos comércios de bairro, mostra ainda a natureza de enraizamento com o contexto da construção lugar. Isto ocorre pois

[...] o circuito inferior é formado por atividades de pequena dimensão, que, geralmente, são bastante enraizadas na escala do local, mantendo, assim, relações privilegiadas com a cidade ou a região em que estão. (SALVADOR, 2011, p.07).

Estas populações, por não possuírem condições de se transportar regularmente para as maiores concentrações comerciais das cidades, acabam necessitando de um comércio local, que facilite a obtenção de utensílios alimentícios básicos, além de maior facilidade de crédito pessoal e uma menor rigidez nos preços dos produtos. Isto cria ao mesmo tempo um enraizamento, identidade com o espaço comercial do lugar. Dessa forma, a partir da ampla necessidade de existência desta esfera comercial, cria-se o seguinte cenário urbano:

Por toda cidade ocorrem pequenos agrupamentos de lojas localizadas em esquinas: duas a cinco lojas, como padaria, açougue, quitanda, farmácia, armazém, botequim, que atendem às demandas muito frequentes da população que habita nos quarteirões imediatos ao agrupamento. Os comerciantes são moradores de bairro e conhecidos dos fregueses. (CORRÊA, 1993, p.51)

Tais núcleos secundários de bairro estão interligados com a população local, observam-se assim as características deste espaço comercial no âmbito do estudo do lugar, e conseqüentemente, o circuito inferior como construtor da identidade espacial.

3.1 A dinâmica dos circuitos econômicos no espaço comercial do Bairro do Jeremias

No caso do bairro do Jeremias observa-se a predominância de atividades características do circuito inferior da economia urbana, pois se observa que basicamente todos os comércios no bairro se adequam as características anteriormente mencionadas por Milton Santos. Porém, vale ressaltar que a predominância do circuito inferior não exclui por sua vez a presença do circuito superior, pelo contrário a existência de uma esfera comercial simples nesta área ajuda a difundir os bens e produtos provenientes da grande indústria, e por sua vez do circuito superior. No bairro do Jeremias isto fica ainda mais evidente ao se observar a

oferta de serviços como, apenas para citar um exemplo, à venda de créditos e chips para telefones celulares.

As grandes empresas de telefonia utilizam o pequeno comercio para ampliar suas redes de fornecimento, de modo que a natureza única destes estabelecimentos, no tocante das relações interpessoais, explicada pela sua *horizontalidade*¹¹, facilita a ampliação do consumo destes serviços e produtos. A venda dos créditos ocorre, muitas vezes, de forma direta entre o pequeno comerciante e a grande empresa de telefonia. Isto só é possível graças à tecnologia, pois a venda dos créditos se efetiva de forma *on-line* diretamente com os servidores da empresa, de modo que estes são inseridos para o consumidor de forma imediata. Neste caso não existe pirataria (pois a venda é feita de forma legal tendo o respaldo e orientação de funcionários da empresa), e nem a possibilidade de submissão do preço à discussão, já que este vem previamente estipulado pela grande empresa, devido à venda se constituir *on-line*, não possibilitando uma variação de preços e dificulta ainda a aplicação de crédito pessoal não institucionalizado.

O pequeno comerciante se torna assim essencial na consolidação da rede de telefonia, pois a sua atuação ocorre de forma direta com o “produtor”. Isto facilita a ampliação da margem de lucro do grande capital, pois reduz a existência de grandes atravessadores entre a empresa que oferece o produto e a sua venda efetiva para a população, possibilitando que vários segmentos de lucros possam ser incorporados para a empresa responsável pelo serviço.

Este fator evidencia a natureza de coexistência e complementação das relações existentes entre os circuitos econômicos, conforme evidenciado por Salvador (2011, p. 6):

[...] a teoria dos dois circuitos não explicita dualismo, mas sim segmentação, tratando a cidade dos países subdesenvolvidos como única, porém, marcada por desigualdades, contradições e combinações que colocam em baila o circuito superior e o circuito inferior, os quais, vale asseverar, se complementam, numa relação em que aquele subordina este.

O fato desta teoria não tratar a heterogeneidade existente entre os circuitos como um dualismo, amplia a noção da atuação existente entre eles. O nosso estudo de caso nos

¹¹ Horizontalidade trata-se de um conceito que se trata de “extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade (...), [é] a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada.” (SANTOS, 2008, p.284)

mostra esta interdependência, já que os comerciantes ajudam de certo modo na ampliação do alcance espacial das grandes empresas produtoras. Isto fica evidente, pois geralmente a compra é realizada diretamente com os grandes atacados, visando posteriormente realizar a revenda através do varejo. Portanto, chegamos à conclusão da importância deste breve estudo teórico sobre os circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos, para a nossa análise comercial do bairro do Jeremias. Assim, ao considerarmos a discussão dos motivos da existência de uma comercialização diferenciada e que atende as necessidades da camada mais pobre da população, conseguiremos entender a verdadeira importância da existência de um pequeno espaço comercial no bairro, e o seu significado para aquela parcela da população.

3.2 O centro comercial do bairro

O espaço comercial exerce, a partir da sua estreita relação com o lugar, certa centralidade, que pode ser caracterizada a partir de sua distribuição espacial. Ao observar o comércio, entendemos uma lógica espacial de influência para manutenção de centralidades, o que significa buscar compreender a espacialidade exercida pelo comércio no âmbito do bairro. Com isso buscaremos estipular, através da observação direta da paisagem, a quantidade de comércios existentes neste espaço, onde poderemos identificar certos padrões e as possíveis centralidades exercidas, estipulando assim o que pode ser definido como sendo o *centro comercial de bairro*.

A enumeração da quantidade de comércios por ruas possui uma dificuldade inerente, visto que o pequeno comércio, em sua grande maioria, se confunde com os prédios voltados exclusivamente para habitação, isto, pois atribuírem ambos os aspectos. Sendo assim, observa-se que muitas famílias utilizam seus lugares de moradia para a obtenção de renda extra, baseada na oferta de produtos e/ou serviços. Tal fator é responsável pela existência de um pequeno comércio em variados espaços da cidade.

Com estas considerações, a partir do esclarecimento dos circuitos econômicos, buscamos entender o nosso objeto de análise a partir da sua espacialidade, de forma que fique evidente como se configura este comércio. A observação direta da paisagem nos mostrou de forma empírica esta espacialização, entendida a partir da localização e função específica de

cada comércio no âmbito do bairro. Dessa forma, a Tabela 1 foi elaborada visando enumerar a quantidade de comércios por ruas, tendo o seguinte resultado:

Tabela 1 – Distribuição de comércios por ruas no bairro do Jeremias:

Ruas	Estabelecimentos
R. Conde Monte Cristo	10
R São Rafael	12
R. São Jorge	2
R. São Cosme	3
R. São Lucas	3
R. São Gonçalo	2
R. Santo Inácio	2
R. São Benedito	1
R. Manuel Alexandrino de Araújo	1
R. Simão Bolívar	2
R. Santo Agostinho	2
R. Possidônio Barbosa da Silva	1
R. Vereador Augusto Ferreira Queirós	4
R. Francisco Borges da Costa	1
R. Fernando Ferreira dos Santos	1
Total	47

Fonte: Pesquisa de Campo, out./2012.

Com estes dados observa-se claramente a concentração comercial nas Ruas: Conde Monte Cristo e São Rafael (fotografias 05 e 06), desta forma, evidencia-se que nestas vias existe o exercício de certa centralidade no âmbito total do bairro.



Fotografias 05 e 06: Rua Conde Monte Cristo e Rua São Rafael, respectivamente.
Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

A centralidade exercida por estas ruas pode ser ainda reforçada ao se notar que também nestes espaços, encontramos quatro pontos de embarque e desembarque de transporte público, além de um ponto de concentração de moto-táxi, estrategicamente localizado na interseção de ambas as ruas. Os transportes públicos são essenciais para a população local, deste modo, a centralização do transporte público, acaba criando um forte atrativo para toda a população do bairro evidenciado pelo próprio processo formação do bairro. Para esta centralização podemos caracterizar a área de ambas as ruas, como sendo o *centro comercial do bairro*. Trata-se assim de um eixo único, que atende grande parte da demanda total do bairro.

No âmbito do espaço intraurbano, observa-se, conforme aponta Corrêa (1993), que tais comércios de bairro estão na base hierárquica das formas e funções dos comércios e serviços na escala total da cidade, que podem ser entendidos a partir do quadro 2:

Quadro 2 – Os núcleos secundários de comércio e serviço.

Forma / Função	Hierarquizada	Especializada
áreas	Subcentros: regional de bairros de bairro lojas de esquina	distritos médicos distritos de diversões etc.
eixos	rua comercial de bairros rua comercial de bairro	ruas de auto peças ruas de móveis ruas de confecções

Fonte: Corrêa (1993, p.50).

A manifestação comercial em pequenos centros de bairro e feiras locais desenvolve uma importância econômica evidente, já que atende a uma grande parcela populacional e torna-se uma fonte de lucro e crescimento para estes pequenos comerciantes. Muitas vezes, a movimentação econômica nestes bairros pobres, afeta e é afetado pelas grandes empresas, que acabam buscando meios para inserir estas populações de forma direta. Esta “busca” pela população pobre ocorre através da descentralização comercial nas grandes cidades, criando assim subcentros, estes, porém, diferenciados dos centros de bairro já que se caracterizam como réplicas do centro principal, conforme esclarecido por Villaça (2001, p. 293):

O subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. Atende aos mesmos requisitos de otimização de acesso apresentados anteriormente para o centro principal. A diferenciação é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade.

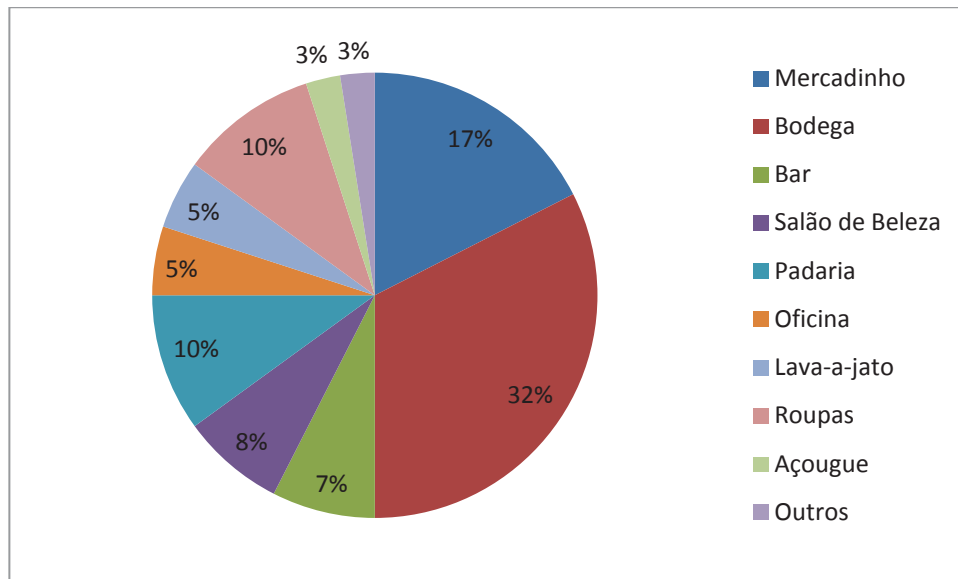
Tais subcentros se localizam, muitas vezes, em áreas periféricas pobres, visando assim à facilitação do acesso desta população aos produtos destas empresas. Com isso, fica visível o contato direto entre os dois circuitos, mostrando assim a grande interação entre eles, além da caracterização do circuito inferior como um resultado direto do superior. O centro comercial do bairro do Jeremias, não pode ser identificado como um subcentro no espaço intraurbano da cidade, pois se observa que a área que possui a centralidade comercial local, atende especificamente apenas a população local, não tendo uma abrangência espacial que justificasse uma caracterização de um subcentro.

3.3 Características do comércio local

Através de 20 entrevistas realizadas entre os comerciantes (número que engloba um universo de 42,5% do total de comércios do bairro) observamos algumas características que melhor mostram os aspectos primordiais desta esfera social. Estes aspectos nos permitiram compreender melhor a atual conjuntura do comércio local, de modo que pudemos perceber a importância destes serviços e comércios para a população do bairro.

Quanto à diversidade de tipos de serviços e comércio neste espaço, observa-se uma grande variabilidade, que é bastante notável, conforme nos mostra o gráfico:

Gráfico 01– Tipos de comércios no bairro do Jeremias



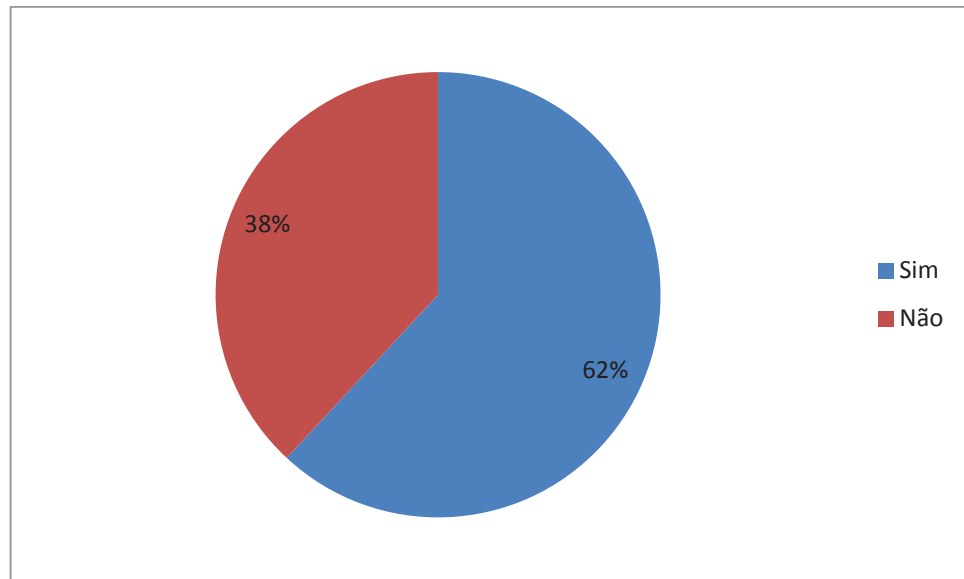
Fonte: Pesquisa de campo, ago./2012.

As bodegas e mercadinhos¹² se destacam no âmbito da totalidade comercial do bairro, já que estes são predominantes, além de suas características de pequeno porte. Muitas vezes são estabelecimentos que fazem parte diretamente da extensão da casa do comerciante, estando, em geral, dispostos de modo heterogêneo pelo bairro. Outros tipos são pouco frequentes, como as padarias, açougues, restaurantes, bares, oficinas, lava a jato, entre outros, que possuem ocorrência bastante pontual no âmbito do bairro. Um dos motivos destes aspectos é devido ao fato de que muitos destes serviços, não estão diretamente relacionados com as necessidades imediatas da população local, diferente do atribuído as bodegas e mercadinhos, que são constantemente utilizados pela população.

Observou-se ainda, que estes estabelecimentos são essenciais para a sobrevivência dos comerciantes. E representam para a maioria a única fonte de renda da família, conforme evidenciado no gráfico 02:

¹² O critério estabelecido para a diferenciação entre as bodegas e mercadinhos, foi a de que a bodega seria aquele estabelecimento de varejo em que se observa o uso de um balcão que separa o cliente do produto, já os mercadinhos são estabelecimentos em que o cliente tem acesso direto aos produtos, que estão dispostos em prateleiras, e a venda é efetivada mediante um caixa.

Gráfico 02 – O comércio como única fonte de renda

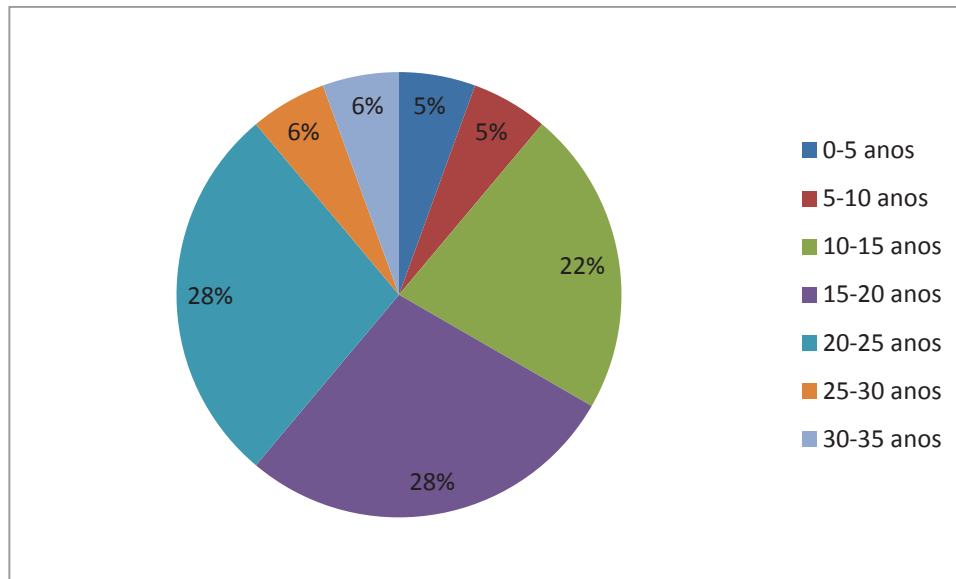


Fonte: Pesquisa de Campo, set./2012.

Na pesquisa 38% dos comerciantes afirmaram possuir outras fontes de renda além do comércio, citando especialmente a aposentaria, ajuda financeira de outro membro da família (no qual trabalha de forma assalariada) ou prestação de serviço para empresas privadas. Estes comerciantes possuem assim capital de giro, que acaba sendo transformado em maior investimento no comércio, bem como uma solidez financeira maior. Porém, 62% dos comerciantes afirmam possuir o comércio como única fonte de renda, fator que resulta numa enorme dependência destes, estes relataram em entrevista grande dificuldade financeira de manutenção do comércio devido a pouca margem de lucros, e até mesmo o constante medo de diminuição da clientela.

O tempo de atuação destes comerciantes é bastante elevado, muitos já ultrapassaram décadas de comercialização no bairro, conforme mostra o gráfico 03:

Gráfico 03 – Tempo de atuação do comércio



Fonte: pesquisa de campo, set./2012.

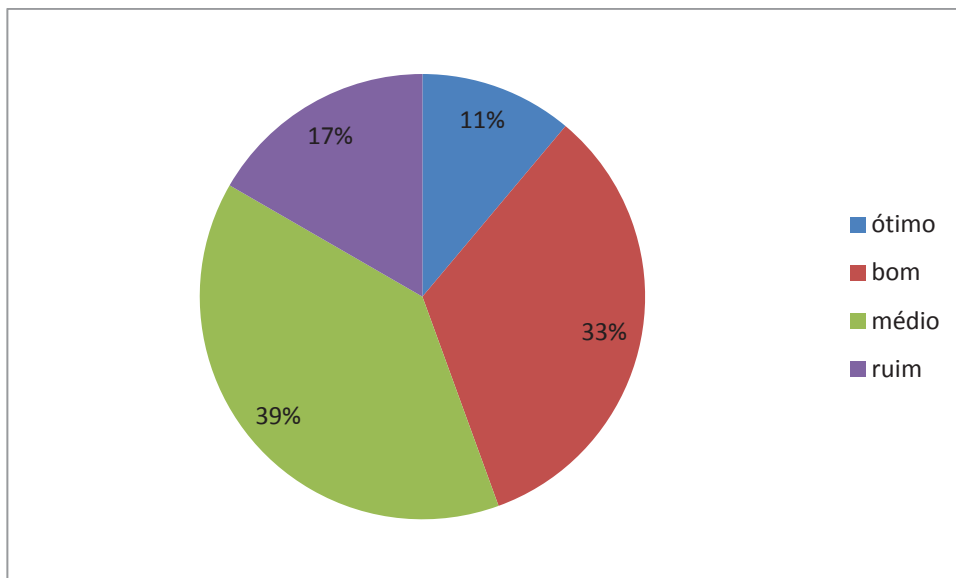
Observa-se que 89% dos comerciantes entrevistados ultrapassam os 10 anos de comercialização, evidencia-se a esfera comercial no bairro como uma importante portadora da sua identidade socioespacial. Muitos destes comércios fizeram parte assim da constituição do bairro, a sua importância para a análise da violência local mostra-se comprovada. Este fator aumenta ainda mais a identificação dos comerciantes com o lugar, de modo que cria assim um enraizamento entre a população. Estes se acostumam, e necessitam das características do comércio local, relativas diretamente com aquelas observadas no circuito inferior, como, por exemplo, facilidade de crédito através do fiado.

Pelo fato de que apenas 10% dos comércios possuem idade abaixo dos 10 anos, isto mostra certa diminuição brusca na implantação de comércios no bairro, evidencia-se uma estagnação clara na esfera comercial. O comércio mostra-se composto predominantemente de antigos comerciantes, estes por sua vez dotados de um sentido histórico. O pequeno comércio local, mesmo com sua ampla duração, não apresenta uma evidente evolução. Isto, pois, observam-se pela paisagem que estes comércios mantêm pequenas estruturas prediais e pouca diversidade de produtos, entre outros fatores. Observa-se assim que a duração do comércio não trouxe uma evidente melhora de vida, ou ascensão social, para os comerciantes em geral.

Mesmo com a pouca evolução levando em conta a duração dos comércios locais, a pesquisa ainda mostrou que o movimento de clientes é considerado de forma positiva pela

maioria dos comerciantes, já que estes classificaram majoritariamente o número de clientes entre ótimo, bom e médio, conforme pode ser observado no gráfico 04:

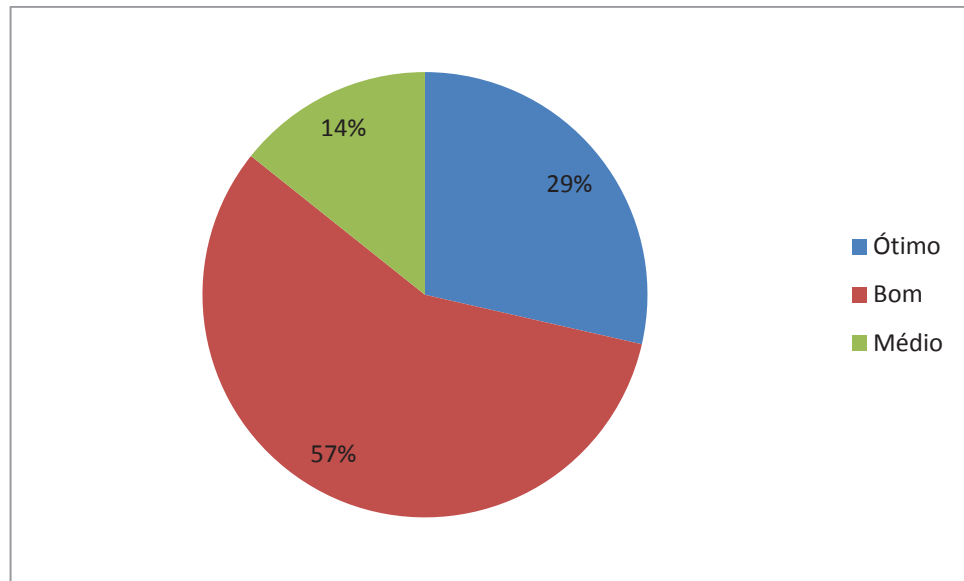
Gráfico 04 – Fluxo de clientes na totalidade comercial.



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Este fato justifica ainda mais a permanência dos comércios, mesmo entre aqueles que possuem outras fontes de renda, ou que se sentem inseguros ao comercializar no bairro. Por ser uma clientela de pessoas relativamente pobres, este fato faz com que a busca pela utilização do pequeno comercio do bairro se torne bem acentuada. Esta intensa busca, no entanto, não é homogênea pelo espaço comercial, visto que maior parte dos que classificaram o movimento dos clientes como ótimo e bom, são donos de comércios que oferecem serviços específicos, como salões de beleza, oficinas, lava a jato, padarias e açougues. Incluindo estes tipos de comércios como “variados”, evidencia-se no gráfico 05 o fator de elevada intensidade de clientes, para estes tipos de comércios:

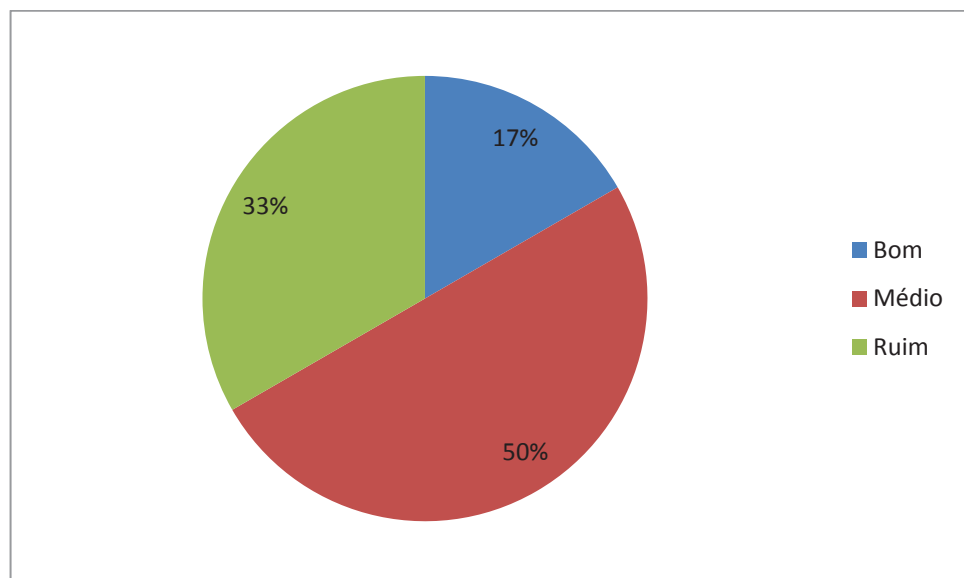
Gráfico 05 – Comércios Variados: Fluxo de clientes



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

A pouca concorrência, em relação a estes tipos de comércios, criam centralidades inerentes a eles, e assim uma maior intensidade de clientes. Porém, as bodegas e mercadinhos, responsáveis por 51% do total de comércios, mostraram-se com pouca incidência de clientes, conforme pode ser visto no gráfico 06:

Gráfico 06 – Bodegas e Mercadinhos: Fluxo de clientes



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Entre as bodegas e mercadinhos, 83% classificaram o movimento de clientes entre médio e ruim. Dentre os fatores responsáveis certamente a elevada concorrência deste tipo de comércio, devido o seu elevado número em relação à totalidade do bairro. Embora este fenômeno ocorra entre as bodegas e mercadinhos, isto não significa que o uso destes tipos de comércio pela população local seja reduzido. Pois, mesmo que a clientela das bodegas e mercadinhos vistos de modo individual seja relativamente pequena, ao se observar o elevado número destes comércios, entende-se assim o seu amplo uso pela população local.

O espaço comercial do bairro apresenta-se como um núcleo que se sobressai na dinâmica rede das relações interpessoais locais. A sua simples existência pressupõe um movimento, contato, interatividade, porém, devido à violência criminosa que se generaliza pelo espaço urbano, este se torna também centralizador do medo, da desconfiança, do afastamento. É nesse sentido que

[...] a ideia e prática de comércio como “embrião da vida urbana naquilo que esta pressupõe de interação” que estão sendo ameaçadas no atual contexto de criminalidade urbana, devendo por isto ser discutida e revista. (DINIZ, 2012, p. 26)

A diretriz de análise comercial perpassa por uma discussão acerca da violência urbana, consideremos assim a importância de um estudo teórico e caracterização geral do fenômeno da violência no bairro do Jeremias.

4. A VIOLÊNCIA URBANA: Reflexões teóricas sobre a violência

As análises em torno da violência mostram, no âmbito da geografia, uma grande abrangência na construção de perspectivas, onde se observa uma espacialização originada por estas problemáticas. Trata-se do enraizamento do problema, que se situa a níveis globais e não se limitam a contextos históricos determinados, pois são fluentes no espaço e no tempo. A violência sempre se mostrou como parte integrante da natureza humana, modo intrínseco do caráter das sociedades ao longo do tempo. Civilizações inteiras mostraram-se tendentes a barbárie, ao genocídio, infanticídio, dentre outros. Muitas vezes como enraizamento cultural, ver a execução do outro, e ocasionalmente à de si mesmo, era compreendida como necessária ao bem da coletividade humana. Execuções estas que tomavam sucessões periódicas, necessária para manter a harmonia do cosmos (TUAN, 2005). Como um fundo de verdade, a violência, especialmente aquela vinculada a criminalidade, mostra-se, no contexto atual do espaço urbano, como uma sobreposição, em relação às muitas outras problemáticas urbanas (SOUZA, 2008).

A violência apresenta-se como um estigma da cidade, ao menos no contexto brasileiro, ela representa muitas das ansiedades modernas no modo de vida urbano. Como resultado, observa-se a ampliação de um sentimento de medo pela cidade. Surge uma dúvida: qual tipo de cidade? Mesmo aquelas, as pequenas cidades, em que há tempos atrás eram símbolos de uma vida harmônica, lugares de interação, familiaridade e contato, passam por uma constante ampliação do sentimento de medo da violência criminosa. As cidades médias, vistas como possibilidade de transformarem-se em lugares de elevada qualidade de vida (SANTOS, 1990), pois muitas vezes, ao crescerem, vão adquirindo também os males das grandes cidades, incluindo a criminalidade violenta.

A violência trata-se de um tema recorrente no nosso “modo de vida”, sendo por si mesmo bastante revestido de dúvidas e preconceitos. Sua difusão é notável, diariamente nos telejornais observamos casos explícitos de violência, como: assaltos, sequestros, latrocínios, estupros e tantos outros quase sempre atribuídos como um resultado direto da “pobreza” encontrada nas grandes cidades. As consequências desta violência “diária” são das mais variadas, não se resumem aos noticiários policiais, pois afetam a vida cotidiana, a economia e até mesmo a política, conforme aponta Souza (2008, p. 33):

Com particular intensidade, mas de maneira alguma com exclusividade, testemunha-se, nas grandes cidades de um país semiperiférico como o Brasil, o transbordamento do tema (in)segurança pública, cada vez mais, para fora das páginas do noticiário policial. Ele vem passando a ocupar lugar de destaque também no noticiário político e econômico, devido aos custos materiais que o medo da criminalidade violenta acarreta para famílias, empresas e governos.

A importância do estudo acerca da violência possui uma problemática quanto a sua conceituação, e por isso torna-se muito difícil uma objetivação conceitual que atenda as suas variáveis. Isto ocorre, pois o entendimento do que seja um “ato de violência” parte do pressuposto de que a cultura ordena o modo como os indivíduos aceitam, ou não, determinadas situações, através da coesão social. Por exemplo, o canibalismo e enforcamento em praça pública, são atos considerados de extrema violência para a maioria das civilizações atuais, porém, em outros lugares e em outros tempos, as mesmas ações possuem características comuns para a população, tornam-se “culturais”. Poderíamos destacar vários outros atos que são comumente considerados pela maioria dos brasileiros como violentos, mas que em outras culturas e tempos possuem outros significados, tais como: o apedrejamento em praça pública, castigos de açoite, mutilação genital, entre outros. A noção de violência possui assim relação com a ética e exercício da moral atribuída pelas sociedades ao longo do tempo, logo, revelando-se com ampla heterogeneidade pelo espaço.

Além disso, o termo engloba diversos outros aspectos, cada qual com elevado grau de complexidade, adentrando em diversas problemáticas sociais, tais como: a violência oral, psicológica, informacional, visual, e podendo ser também atribuída ao lugar no qual esta se concretiza como é o caso da: violência doméstica, urbana e rural. Dessa forma, observamos a grande problemática na elaboração de um conceito de violência que possa atender essas diversas variáveis, já que sendo justamente por este motivo que:

presenciamos, nas últimas décadas, um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização de suas peculiaridades pelos novos significados que o conceito assume, ‘[...] de modo a incluir e a nomear como violência acontecimentos que passavam anteriormente por práticas costumeiras de regulamentação das relações sociais’, como a violência intrafamiliar contra a mulher ou as crianças, a violência simbólica contra grupos, categorias sociais ou etnias, a violência nas escolas etc’ (WAISELFISZ, 2012, p.11)

Com esta consideração evidencia-se a variabilidade temática acerca da conceituação de violência, além da própria interdependência com o desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo, ou seja, seus aspectos culturais.

Mesmo sendo um termo de difícil conceituação, devemos, para o prosseguimento de nossa análise, adotar uma definição que atenda a explicitação e direcionamento sobre o que iremos considerar como violência em nossa pesquisa. Utilizaremos assim a seguinte conceituação sobre o aspecto mais geral de violência:

há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989 *apud* WAISELFISZ, 2012, p.11-12)

Portanto, adotaremos o conceito violência, como algo diretamente relacionado com a imposição de força ou ameaças sobre alguém, levando-se de forma analítica, em consideração o seu aspecto mutável em relação ao tempo e espaço no qual está situada à análise.

A violência torna-se, muitas vezes, atreladas ao espaço na qual se concretiza, de modo que se consideram até mesmo cidades inteiras como “violentas”, o que é bastante questionável, visto que “a violência não se distribuí homoganeamente no espaço urbano” (SOUZA, 2008, p. 51). A relação do espaço com a violência mostra-se, no espaço urbano, detentor de uma conceituação notável, trata-se da “violência urbana”. Isto ocorre, pois dos vários aspectos que geram violência, sejam eles sociais, temporais e espaciais, observa-se nos aspectos urbanos vetores que criam uma violência tipicamente urbana, pois:

[...] as práticas de violência não estão dissociados do espaço. Aqui também o espaço comparece em sua dupla qualidade de produto social e condicionante das relações sociais. Das formas tipicamente urbanas de segregação residencial à densidade tipicamente urbano-metropolitana de determinados fenômenos, passando por estratégias de sobrevivência e práticas delituosas caracteristicamente associadas à concentração espacial de determinadas oportunidades: no que concerne à presença ou, pelo menos, à frequência de certas manifestações de violência, as características da espacialidade das cidades tanto colocarem problemas específicos quanto sugerem ações específicas de enfrentamento. (SOUZA, 2008, p.11)

Consideramos assim a existência de formas de violência decorrentes devido às problemáticas urbanas, dessa forma, podemos elencar vários fatores responsáveis por esta caracterização. No entanto, nem todo fenômeno de violência desenvolvida no meio urbano, pode ser caracterizada como uma “violência urbana”, pois estaríamos analisando o urbano como o único espaço responsável pela existência de todos os fenômenos. Este seria um forte indício de reducionismo conceitual, pois o fenômeno da violência independe do espaço urbano, existindo desde os tempos primitivos. O que caracteriza uma “violência urbana” é a especificidade atribuída à violência a partir de aspectos estritamente urbanos. Este fator de especificidade se torna válido para variadas discussões em que a cidade é exposta como palco principal, pois “a problemática urbana não pode absorver todos os problemas” (LEFEBVRE, 1999, p. 26).

A pobreza é vista muitas vezes como o principal vetor da existência da violência nas cidades. A partir dessa relação entre pobreza e a violência nos deparamos com as disseminações de visões preconceituosas e ao mesmo tempo difundidas como uma “verdade” inquestionável. De fato, devemos considerar a pobreza como um dos fatores responsáveis pela existência da criminalidade, pois:

[...] o crime se apresenta como uma ‘opção’ aceitável quando os indivíduos percebem ou crêem que as ‘opções’ conformes à lei e mais convenientes para a parcela privilegiada da população, como resignar-se salário miseráveis ou a esmolar, não valem a pena ou são ainda piores que os riscos e sofrimentos que uma ‘carreira’ criminoso acarreta. (SOUZA, 2003, p.87)

Logo, a relação entre o crime e a pobreza, somente pode ser verdadeira quando a pobreza é considerada, até certo ponto, um elemento de “influência” aos indivíduos que cometem atos de violência. Análises superficiais sobre tema podem, assim, produzir uma série de generalizações e preconceitos, onde muitas vezes os moradores das “favelas” são considerados pessoas “violentas e criminosas”. Quando se assimila a pobreza como a fonte geradora da violência, ao mesmo tempo minimizam-se os impactos sentidos pelas populações de baixa renda em relação com a problemática, percebe-se assim:

[...] um preconceito típico da classe média, que se sente “acuada” pela violência e ignora que nas periferias urbanas predominantemente ocupadas

por pobres, longe de suas vistas, é onde a violência se faz sentir mais intensamente – perpetrada por “bandidos comuns” mas, também, por grupos de extermínio e esquadrões de morte. (SOUZA, 2008, p. 53)

Mesmo a violência atingindo, de modo direto ou indireto, todas as camadas da sociedade, são as populações pobres que, por não possuírem recursos para financiar a própria segurança, ou ao menos a sensação dela, acabam convivendo intimamente com o medo. Sobre este aspecto o Instituto de Pesquisas Sociais Econômicas Aplicadas (IPEA)¹³ do governo federal, observou no ano de 2010, a nível nacional, que a sensação de medo em relação a arrombamento de residência por faixa de renda familiar em salários mínimos, é maior entre as famílias com até 2 SM, cujo número chega a 71,8%, enquanto aquelas com renda entre de 5 SM e 10 SM, apresentaram-se com medo menor de arrombamentos, chegando a 61,8%.

Porém, vale ressaltar que este sentimento não corresponde, por este motivo, numa característica exclusiva das classes de baixa renda, ele propagar-se de modo generalizado pelo espaço urbano, criam-se “cidades dominadas pelo medo da criminalidade violenta”, conceituadas por Souza (2008, p.09) como Fobópoles.

O medo em uma generalização sobre o espaço urbano, afeta diretamente seu aspecto de lugar de contato, vivência com o “outro”. É nesta perspectiva que Lefebvre (1999, p.110) caracteriza o urbano como “uma forma pura: ponto de encontro, lugar de uma reunião, a simultaneidade. Essa forma não tem nenhum conteúdo específico, mas tudo a ela vem e nela vive”. Este aspecto seria primordial para o bem-estar de uma “sociedade urbana”, onde o urbano, através de sua intrínseca centralidade, de pessoas, objetos, movimentos, estabeleceria um ritmo direcionado ao contato. Porém, Lefebvre (1999, p. 109), ressalta que:

[...] o urbano não é indiferente a todas as diferenças, pois ele precisamente as reúne. Nesse sentido, a cidade constrói, destaca, liberta a essência das relações sociais: a existência recíproca e a manifestação das diferenças procedentes dos conflitos, ou levando aos conflitos. [...] Daí as características de violência latente ao urbano.

O espaço urbano evidencia os conflitos, gera o contato, mas devido ao medo generalizado, possibilita a desconfiança, o afastamento, a autossegregação. A partir daí torna-se mais interessante aos cidadãos à “troca da liberdade por segurança” (SOUZA, 2008, p.86). Este fator é visto como uma fatalidade, onde a autossegregação, muitas vezes é apoiada pelo

¹³ Dados disponíveis online através do Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS), mediante o site: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6186&Itemid=33

Estado, “fatiando” o tecido urbano, fechando logradouros “públicos”, segmentando e fragmentando. Na verdade, trata-se de uma “solução escapista”, pois não implica em um enfrentamento real do problema, mas sim num aprofundamento da segregação (SOUZA, 2008, p.73).

O afastamento torna-se, assim, comum no espaço urbano, este passa a ser o “critério” para a segurança individual, não se busca o contato, mas sim a distância necessária à proteção, pois “a ameaça, aquela que se destaca em uma cidade, são as pessoas” (TUAN, 2005, p. 16). Estas passam a ser vistas, em geral, como potencialmente malévolas, criminosas, cujas características imediatamente observáveis, podem orientar um grau menor ou mais elevado de desconfiança, independente disto ela continua em sua existência. O individualismo, provocado pela separação e afastamento, cria condições para a ampliação de ações dissociadas de um conjunto total, as reações à violência se tornam assim fragmentadas. Cada indivíduo tenta se proteger como pode, pois “a segurança, como todos os outros aspectos da vida humana num mundo inexoravelmente individualizado e privatizado, é uma tarefa que toca cada indivíduo” (BAUMAN, 2003, p. 102).

O medo da criminalidade violenta torna-se combustível que alimenta este constante detrimento do contato urbano, conforme explicitado por Bauman (2005, p.16):

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana.

A criminalidade violenta fomenta a ampliação do sentimento de medo através do espaço urbano. Isto possui implicações na própria conjuntura da valorização do solo urbano, onde áreas caracterizadas como violentas tendem a uma repulsa, esta se torna uma ação orientada pelo medo gerado, pois este “não é apenas uma circunstância objetiva, mas também uma resposta subjetiva” (TUAN, 2005, p.334).

O medo da criminalidade expõe no espaço intraurbano, a formação de “áreas de risco” do ponto de vista da segurança pública, muitas vezes, verdadeiros enclaves territoriais dominados por traficantes, que exercem o controle do lugar mediante o uso da violência (SOUZA, 2008, p. 51). Neste sentido as áreas impregnadas de simbolismos relacionados com

aspectos de violência, são fortemente desvalorizadas, aprofundando assim a segregação onde, muitas vezes, se trata de uma característica previa do lugar. Desta forma, conclui-se que

[...] as autênticas ou supostas ameaças à integridade pessoal e à propriedade privada convertem-se em questões de grande alcance cada vez que se consideram as vantagens e desvantagens de viver num determinado lugar. (BAUMAN, 2005, p.41)

Cria-se assim uma “Geografia da violência”, a partir das particularidades de cada lugar, no âmbito dos aspectos de violência criminosa, os processos de diferenciação do espaço, embora algumas incidências de crimes apresentem-se “objetivas”, mostram-se no conjunto total de relações bastante heterogêneas. Devemos observar ainda que os reflexos do medo na cidade, não se limitam as periferias, pois existe por toda ela uma verdadeira manifestação pela paisagem, acerca dos elementos de medo decorrente das relações urbanas. Isto ocorre, pois “a violência original pode ser percebida na paisagem urbana” (ODÁLIA, 2004, p. 10, *apud* SOUZA, 2009, p.05).

A vigilância torna-se essencial nas políticas de segurança públicas, onde os espaços públicos, no qual por se tratarem, em essência, de lugares de interação social, transformaram-se, por este mesmo motivo, em lugar de medo da violência criminosa. Sobre o fenômeno de modificação paisagística devido à violência, Bauman (2005, p. 63), observa que:

A arquitetura do medo e da intimidação espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-se sem cessar – embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite. A inventividade não tem limites neste campo.

Vivemos em cidades vigiadas, onde se amplia a busca pelos serviços disponibilizados por empresas de segurança privada, criando assim um mercado promissor para o investimento de capital. O aumento da procura destes serviços pode ser observado em várias cidades brasileiras, tornando-se objetos de pesquisa, como, por exemplo, a realizada por Cruz (2010) em Recife – PE. As próprias arquiteturas das cidades tendem, devido ao aumento da violência a uma adaptação, criando paisagens ameaçadoras, obras cujos objetivos primordiais são impedir a aproximação dos marginalizados, como as praças “anti-mendigo” e até mesmo o inserção de pedras pontiagudas em baixo das pontes e viadutos. Tais

características e políticas urbanísticas favorecem a ampliação da segregação, esta vista como um entrave nas relações sociais do espaço urbano, conforme aponta Lefebvre (1999, p.121):

A separação e a segregação rompem a relação. Constituem por si sós, uma ordem totalitária, que tem por objetivo estratégico quebrar a totalidade concreta, espedaçar o urbano.

A superação deste cenário encontra-se nas políticas públicas que podem criar possibilidades de melhorias no âmbito da diminuição gradativa da violência, conforme apontado por Souza (2008, p.42). A minimização da problemática, mesmo com o seu profundo enraizamento na sociedade de consumo, proporcionará uma redução do medo, e consequente ampliação das relações sociais, avançando no que tange ao próprio conteúdo do urbano. Relações aprisionadas, muitas vezes no nosso contexto, a uma dinâmica superficial, representada pelo vazio das redes de relações existentes apenas no uso da informática. Mas as relações sociais podem encontrar nas características únicas da cidade uma possibilidade de interação real, de fluxos de vivência, complementaridade da vida urbana.

As análises conceituais acerca da violência no espaço urbano, nos mostra além das profundas raízes da problemática, a possibilidade de pensá-la além de um aparente fatalismo. É necessário assim contextualizar tal fenômeno na realidade vivenciada pelos moradores do bairro do Jeremias, realidade inacabada que pode mostrar o modo como estes indivíduos convivem com o medo, em um ambiente opressor, onde as formas apresentadas lembram constantemente a segregação.

4.1 A violência no bairro do Jeremias

É importante contextualizar o estudo de caso em relação ao panorama atual da incidência da violência no estado da Paraíba (PB)¹⁴. De início observamos que, o estado, durante o período que compreende início da década de 1980 até o ano de 2004, esteve entre as unidades federativas com os menores índices de violência¹⁵, cujas taxas de homicídio eram de 10,8 a cada 100 mil habitantes. Estando abaixo da média nacional (em 1980 de 11,7) chegou a

¹⁴ Os dados aqui apresentados foram obtidos mediante análises de Waiselfisz (2012, p. 159 -163).

¹⁵ O índice de violência observado nas taxas leva em consideração apenas o número de homicídios, porém isto não reduz a sua relevância nas análises.

ser, muitas vezes, considerado um estado tranquilo, em relação ao contexto nacional. Porém, foi a partir dos anos 2000, e especificamente 2004, que observamos no estado às maiores transformações nestes indicies.

No ano de 2004, a taxas de homicídios no estado era de 18,6 a cada 100 mil habitantes, em apenas seis anos as taxas se elevaram para 38,6, em 2010. Tal crescimento colocou o estado da Paraíba, em pouco tempo, na preocupante colocação de 6º lugar no panorama nacional de violência. Tal fator evidencia que o estado está passando por uma situação crítica, em que o aumento da violência representa ainda a necessidade de urgência nas ações oriundas especialmente dos órgãos públicos. Este crescimento vertiginoso da violência em todo o estado está intimamente relacionado com o fenômeno de “interiorização da violência”, trata-se de uma maior distribuição espacial da violência, a partir de seu sucessivo aumento nas pequenas cidades e áreas rurais.

Campina Grande não se distancia do contexto apresentado pela Paraíba, já que os índices mostram um relativo acompanhamento da cidade em contexto com o crescimento vertiginoso da violência. Tais índices colocam Campina Grande na posição de número 56 no ranking nacional de homicídios, mesmo estando em 8º no âmbito estadual. (WAISELFISZ, 2008, p.48). A violência e a ampliação do medo podem ser explicitadas ainda no nível local, quando observamos a distribuição desta dentro do espaço intraurbano da cidade da cidade.

Em pesquisa realizada por Santos (2011) com a população da cidade, arranjada em pontos estratégicos de uso coletivo dos habitantes¹⁶. Levando em consideração a perspectiva dos moradores, para caracterizar os espaços da cidade como violentos. Observou-se, a partir de entrevistas realizadas com o intuito de identificar os bairros considerados mais violentos, o seguinte resultado do mapeamento da violência na cidade:

¹⁶ Os locais da realização da citada pesquisa foram: o Terminal Integrado de Ônibus e a Praça da Bandeira, ambos no Centro, e a Rua Juscelino Kubitscheck, no bairro Presidente Médice.



Fonte: Santos (2011, p.19)

A pesquisa demonstrou que o bairro do Jeremias é identificado por 27, 63% dos entrevistados, como um dos bairros mais violentos de Campina Grande, ficando atrás apenas do bairro do Pedregal, citado por 34,2 % dos entrevistados. Vale ressaltar, que devido a grande confusão existente em relação ao bairro do Araxá, pode-se considerar que esta pesquisa deixa evidente o estigma relacionado ao bairro do Jeremias, sendo representado por um local de violência, e conseqüentemente medo.

Tais características levaram à conclusão de que “existe uma difusão das sensações de medo e insegurança para com os bairros periféricos da cidade” (SANTOS, 2011, p. 18). A partir da visão criada em relação ao bairro, evidencia-se que o nosso espaço de análise se sobressai como um reduto do medo da violência em Campina Grande.

Aliado a difusão do sentimento de medo no bairro, até mesmo o trabalho dos funcionários públicos neste espaço mostrou-se prejudicado. Pelo fato de que estes indivíduos, muitas vezes, não são moradores do bairro, possuindo uma relação apenas de trabalho com estes espaços, os aspectos do medo se mostram como determinantes na atribuição do contato com a população, isto no âmbito de suas atribuições.

Nesta perspectiva que Filho (2011) realizou pesquisas em Campina Grande, analisando que “a violência na comunidade pode ser considerada um indicador quando se

considera a qualidade do trabalho do agente comunitário de saúde”. Este observou, mediante entrevistas realizadas com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) cujos objetivos englobavam a totalidade da cidade, relatos que determinavam as características consideradas por estes trabalhadores como problemáticas da comunidade.

Ao pesquisar, especificamente, os trabalhadores da Unidade Básica Saúde da Família (UBSF) no bairro do Jeremias, observou-se que estes consideram como os principais problemas do bairro: “a existência de áreas de risco, tráfico de drogas e falta de policiamento constante” (FILHO, 2011, p.08). Tais características destacadas pelos ACS resumem muitas das problemáticas enfrentadas pelos moradores do bairro no tocante da segurança, onde a violência e o medo se destacam.

Mesmo o bairro se destacando nas pesquisas junto à população no quesito violência e medo, ao se considerar os dados oficiais em relação ao número de homicídios, este se mostrou com, relativamente, pouca incidência no ano de 2010, conforme pode ser observado pela tabela 2, elaborado por Santos (2011, p.14):

Tabela 2 – Número de homicídios registrados no ano de 2010 por bairros:

Bairros	Nº de Homicídios Registrados
Bodocongó	18
Centro	12
Católé	12
Mutirão	10
José Pinheiro	11
Pedregal	8
Catingueira	8
Dinamérica	7
Monte Santo	6
Jeremias	6
Bela Vista	5
Malvinas	5
Ramadinha II	4
Galante	4
Tambor	4
Ligeiro	3
Santa Rosa	3
Liberdade	3
Cinza	3
Ramadinha I	3
Gloria	3

Fonte: Tabela elaborada com base nos dados oficiais das Estatísticas de Criminalidade da 2ª Delegacia de Polícia Civil de Campina Grande, no ano de 2010. (adaptado por Santana)

O fato do bairro não se destacar em relação ao número de homicídios registrados, não implica em uma diminuição da violência no bairro. Segundo alguns moradores, o bairro, ao longo de sua história, apresentou uma grande variação de ordem quantitativa nas questões de violência, são relatados períodos de tranquilidade, e outros totalmente envoltos por grande número de casos de violência e assim a emergência do sentimento de medo entre a população local. As variações temporais de níveis de violência mostram certa dificuldade de manutenção da ordem e segurança da área, pois embora focos de organizações criminosas passem por decadências, eles não são extintos, já que demonstram as suas forças através de ações extremamente violentas, como assassinatos e furtos.

As pesquisas aqui apresentadas mostram, em relação ao bairro do Jeremias, a criação ao mesmo tempo de um estigma à violência, este visto pela perspectiva exterior aos moradores. O bairro apresenta-se em uma fase de diminuição de ocorrências policiais, especificamente a de homicídios, tal fato é identificado pelos moradores como recorrente, sugerindo a existência de uma variação temporal da violência. O que se observa é a perpetuação do medo em relação a este espaço no âmbito da totalidade da cidade.

É muito importante, caracterizar a situação das escolas, pois estas mostram bem as dificuldades estruturais do local em geral, pois são lugares de encontro entre a população jovem do bairro, e revelam detalhes da situação emergencial que o bairro se encontra. Vandalismo, depredação das estruturas físicas, tráfico e violência dentro destas escolas, mostram assim o aspecto de violência urbana característica de todo o bairro, principalmente acerca da forma como os jovens se mantêm na envoltura da violência urbana, e logo se cria um meio de reprodução desta.

O modo como os jovens em idade escolar observam o sistema de ensino, orienta eles a uma busca pela sua satisfação de necessidades pessoais. Muitos entendem o ensino como entrave, não visualizam perspectivas nem em longo prazo, e a necessidade constante de buscar condições de sobrevivência em curto prazo, acaba provocando o direcionamento destes para meios alternativos e muitas vezes ilegais. Isto evidencia a forma como os meios de violência se tornam prolongadas pelas gerações que crescem em meio à pobreza e falta de oportunidades. As escolas se tornam palco desta reprodução, e assim, assumem a forma de importante objeto de estudo para as questões direcionadas à violência urbana, tal fator é apresentado pelo bairro à escala da conjuntura da violência na área.

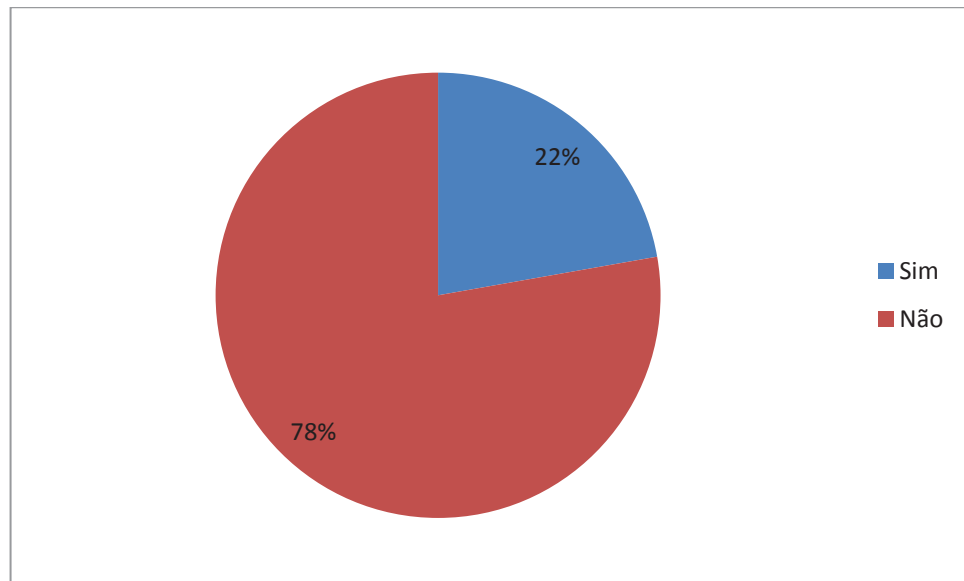
4.2 O comércio do bairro do Jeremias e a violência urbana

O comércio como reflexo do contexto geral vivenciado pelo restante do bairro mostra-se como um campo de estudo fundamental nas análises acerca da violência. Esta problemática possui íntima relação com os comerciantes do bairro, que como demonstrado anteriormente, muitas vezes possuem o estabelecimento comercial como única fonte de renda. Os anseios desta população refletem o conteúdo dos impactos da violência criminosa no dia-a-dia, na qual se observa variadas mudanças nas tradicionais formas de relações típicas do pequeno comércio, ou comércio de bairro.

A conjuntura da violência criminosa e o estigma produzido a partir da associação da violência ao espaço do bairro do Jeremias se mostram com diversas manifestações, porém é mediante análises da situação do comércio que algumas se explicitam. Neste sentido, busca-se a compreensão de como estes comerciantes são afetados pelas problemáticas da violência no bairro.

Para isso, realizamos através de pesquisa a aplicação de entrevistas com estes visando abordar aspectos diretamente relacionados com a segurança, violência e impactos no comércio. Para uma visão mais geral do sentimento de medo pelos comerciantes, se perguntou como estes se sentem em relação à segurança, em aspectos como a mobilidade espacial pelo bairro e execução de suas atividades comerciais. Chegamos à conclusão de que o sentimento de insegurança é predominante entre estes habitantes, conforme evidenciado no gráfico:

Gráfico 07 – Sentimento de segurança dos comerciantes no bairro

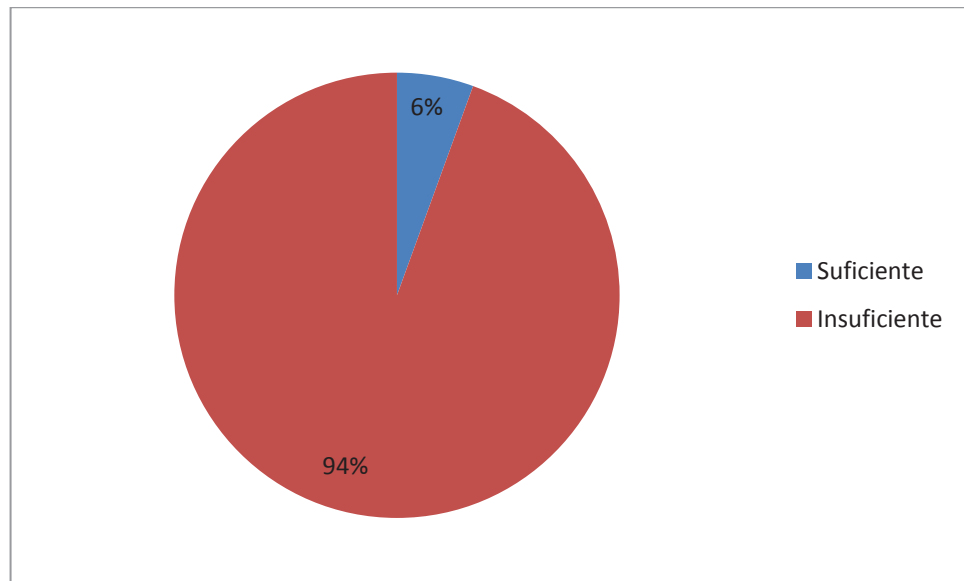


Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Fica evidente que a insegurança é algo constante na rotina de maioria destes comerciantes (78%), o medo de sair à noite, transitar pelo bairro e principalmente de assaltos, foram os principais argumentos utilizados por estes para justificar o sentimento de insegurança. Quanto aos comerciantes que argumentaram sentir-se seguros no bairro (22%), estes argumentaram o fato de nunca terem sido vítimas de violência, não se considerarem alvos de criminosos, e de conhecerem grande parte dos moradores do bairro, como principal fator de segurança.

As considerações acerca da elevada insegurança vivenciada por maioria dos comerciantes, mostra-se com características que englobam ainda uma série de fatores, entre eles se destaca a presença policial no bairro. Neste sentido, através da pesquisa evidenciou-se que grande parte desta insegurança constante, mostra-se oriunda a partir da falta de policiamento no bairro, considerada por quase a totalidade dos comerciantes como insuficiente, conforme pode ser observado no gráfico:

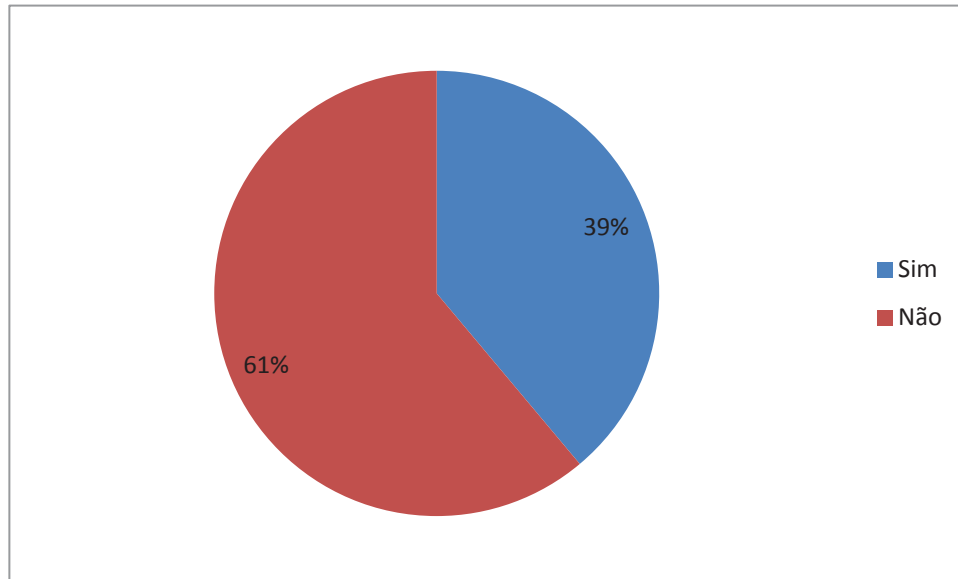
Gráfico 08 – Presença policial no bairro



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Estes comerciantes/moradores, ao considerar insuficiente a presença policial no bairro, mostram o relativo afastamento do Estado no contexto da segurança do local. Tal fator apenas amplia o sentimento de medo entre a população, que pouco confia nestes serviços, vistos muita vezes como deficientes. Facilitando assim o controle e ação de variados grupos criminosos, logo criando um aumento do sentido de segregação e insegurança. O baixo policiamento e existência de organizações criminosas mostram-se como vetores para a proliferação de assaltos no âmbito do bairro. Quanto a estes, parte significativa dos comerciantes afirmam já terem sido vítimas de assaltos, conforme evidenciado no gráfico:

Gráfico 09 – Já foi vítima de assalto(s) no estabelecimento



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

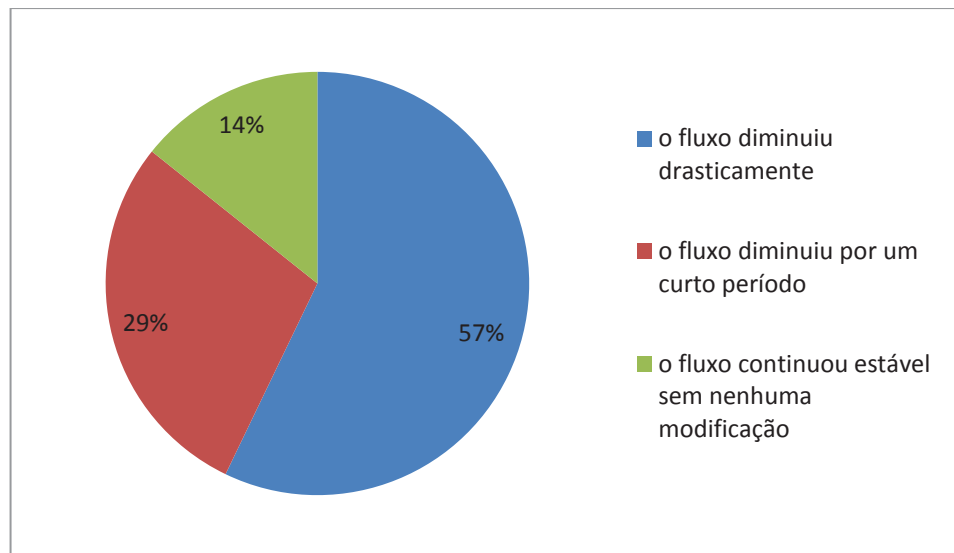
Observa-se assim que esta parcela de comerciantes (39%) que foram vítimas de assaltos apresenta um indício de elevada ocorrência. Muitas vezes estes comerciantes com medo de represarias não denunciam os crimes sofridos, o silêncio é visto como necessário à segurança destes. Cria-se, porém, um problema: os órgãos de segurança pública acabam possuindo uma visão falsa de baixa intensidade de crimes neste bairro, fator que pode levar uma diminuição de rondas policiais na área.

Alguns comerciantes argumentaram terem sido vítimas de assaltos mais de uma vez, chegando ao ponto de se mudarem do bairro para fugir da violência. Um exemplo notável do impacto da violência no comércio local é o caso do Supermercado Maranata, no qual foi vítima de inúmeros assaltos, que tornaram a situação insustentável ao prosseguimento de suas atividades comerciais no local, e assim houve o seu deslocamento para o bairro da Palmeira. Outros estabelecimentos, como por exemplo, o mercadinho O Rodrigão, identificou ser vítima de mais de 5 assaltos, o que o levou a contratar um segurança particular, investir em câmeras e utilizar as grades constantemente.

O impacto de um assalto, ou outros tipos de criminalidade violenta, não se resume apenas ao comerciante, observa-se que isto afeta diretamente o fluxo de clientes no estabelecimento. Logo, buscou-se identificar entre aqueles comerciantes que já foram vítimas

de assaltos, ou outras ações violentas no estabelecimento comercial, quais as repercussões causadas no âmbito das vendas. Sobre este aspecto, elaboramos o gráfico seguinte:

Gráfico 10 – Fluxo de clientes após ocorrência de assaltos



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Observa-se que 57% dos entrevistados identificaram uma queda brusca no fluxo de clientes. Segundo eles isto ocorre, pois os clientes evitam comércios que já foram assaltados, cria-se um estigma de medo em relação a estes. Outro fator identificado como responsável pela queda das vendas é a consequente implantação por parte dos comerciantes de instrumentos de segurança, que criam um ambiente de afastamento entre o vendedor e o comprador. Já para 29 % dos entrevistados o fluxo de clientes diminuiu durante alguns dias, ou até mesmo semanas, após o assalto, possuindo uma retomada rápida das vendas logo após este período. Estes comerciantes identificaram que a retomada das vendas ocorre devido à existência de uma clientela específica que usa estes serviços constantemente. No entanto para 14% dos entrevistados, não foi observado nenhum tipo de alteração nos fluxos de clientes, até mesmo no período imediato do assalto, fator justificado pelo forte enraizamento da clientela.

O elevado número de assaltos e a baixa confiança nos aparelhos estatais de segurança pública levam a predominância do sentimento de medo pelos comerciantes. Isto caracteriza a necessidade imediata de ação particular para tentar se defender da ameaça da

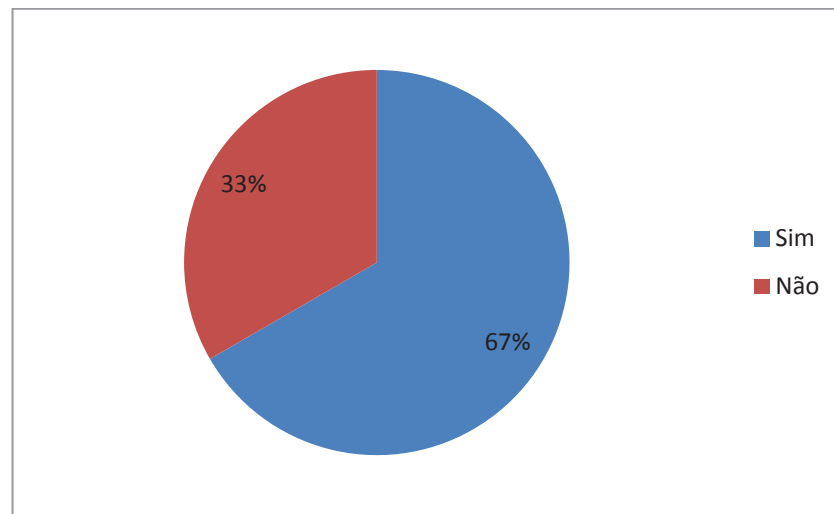
violência. Porém, os baixos recursos financeiros desta população levam a utilização de meios mais simples que visam à segurança particular do comerciante. Dentre os instrumentos utilizados destacam-se as grades, como o mais usado, e também o que mais se destaca na paisagem dos comércios. As fotografias 07 e 08 mostram alguns comércios que utilizam constantemente as grades durante suas atividades.



Fotografias 07 e 08: Utilização de grades em estabelecimentos comerciais
Fonte: Pesquisa de campo, ago./2012.

A utilização das grades mostra-se com a principal finalidade transmitir a sensação de segurança aos comerciantes, mesmo que seja uma frágil forma de proteção, a sua utilização é essencial ao prosseguimento das atividades comerciais. Desta forma, observa-se uma constante utilização deste instrumento de segurança, sendo utilizado por maior parte dos comércios, conforme pode ser observado através do gráfico:

Gráfico 11 – Comércio que utilizam grades como forma de proteção



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

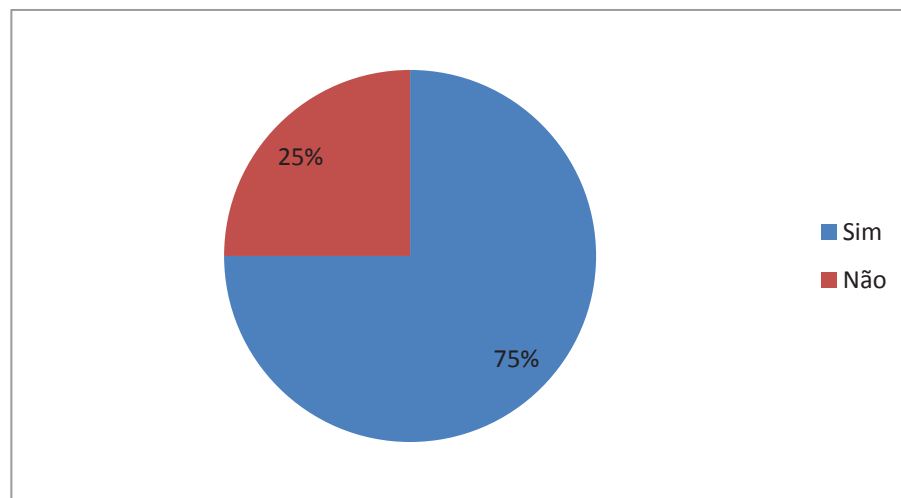
Observa-se uma ampla utilização das grades em relação à totalidade dos comércios, chegando a representar 67% destes. Porém, vale ressaltar que muitos dos comércios não utilizam as grades devido a sua própria tipologia, como oficinas mecânicas, açougues, lavadores de carros e motos e padarias. Sendo assim a predominância da utilização das grades mostra-se recorrente aos mercadinhos e bodegas, que apresentam facilidade de adaptação dos serviços oferecidos pelo comércio.

Ao se buscar a razão pela qual estes comerciantes adotaram as grades em seus estabelecimentos, obtemos assim variadas respostas, principalmente: vandalismo, medo, insegurança, furtos, dificultar os assaltos, violência e proteção. Todas as respostas mostraram-se com o mesmo viés do sentimento de medo da violência criminosa, fator este que se torna motivo principal da utilização de instrumentos de proteção. A utilização das grades possui assim um fator mais simbólico de resistência do que a sua eficiência em relação à proteção. Apenas pelo fato de transmitir aos comerciantes maior segurança e proteção, as grades já se tornam primordiais para estes.

As grades se mostram ainda como símbolo do afastamento e quebra das relações tradicionais do pequeno comércio. Por fazerem parte das características atribuídas ao circuito inferior da economia, os pequenos comércios de bairros, pressupõe um contato mais íntimo entre os comerciantes e os clientes. Nestes comércios as relações interpessoais com a clientela

se tornam essenciais ao seu desenvolvimento. O medo orienta, no entanto, a quebra desta relação tradicional com a utilização das grades nos pequenos comércios, mostra-se como vetores do afastamento visto como necessário à segurança dos comerciantes. Todos passam a ser suspeitos, e isto não afeta apenas o comerciante mais os próprios clientes. Desta forma, buscou-se observar a influência da utilização das grades em relação ao fluxo de clientes, segundo os próprios comerciantes, chegando ao resultado exposto a partir do gráfico 12:

Gráfico 12 – A utilização das grades diminui o fluxo de clientes?



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Evidencia-se que de acordo com 75% dos entrevistados, a utilização das grades influencia negativamente no fluxo de clientes. Estes observam diminuições significantes na quantidade de clientes, de modo que estes consideram a utilização das grades como necessárias e, ao mesmo tempo, como prejudiciais ao seu desenvolvimento. As grades funcionam como um instrumento de afastamento, que visa necessariamente à proteção do comércio, porém estas implicam também o mal estar causado pelo medo. Tornam-se meios de resistência dos comerciantes diante da criminalidade violenta. Os clientes sentem-se prejudicados por este afastamento, e muitas vezes evitam comprar nestes comércios. Esta característica implica em um dos maiores anseios dos comerciantes, conforme visto na fala¹⁷ de um deles que explicita esta aparente confusão:

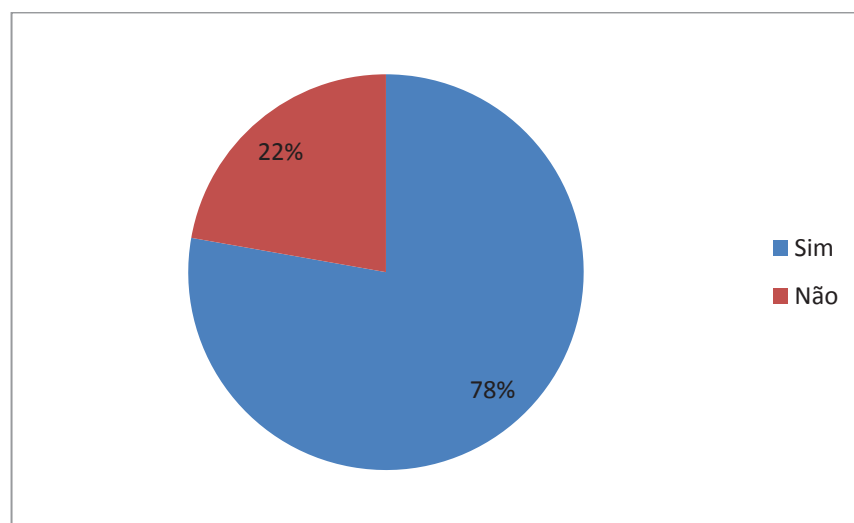
¹⁷ Entrevista realizada em 10 de outubro de 2012.

O meu mercadinho deveria ser aberto para a população, eu já o fiz pensando nisso, o “pessoal” poderia “chegar”, escolher e comprar o produto que quisesse [...]. Mas como eu posso deixar o meu comercio aberto sem os gradeados, com tanto bandido por aí? O que acontece é que eles ficam soltos e nós presos aqui por trás destas grades. [...] Nós comerciantes não temos liberdade para vender, as grades são um incômodo para os clientes, e assim o comércio não cresce, ficamos na mesma sempre. (sic)

A angústia apresentada por este comerciante resume muito das implicações causadas pelo medo da criminalidade violenta. Não se trata de um conformismo pela situação imposta, esta fala mostra muito da revolta mesclada com um sentimento de impotência em relação à criminalidade. Tal fator é silenciado pelo medo, o comercio inicialmente visto como uma oportunidade de ascensão social, logo se reveste de angústias e medos, que não são superados e se perpetuam.

A violência real e aquela tornada como estigma do bairro vêm se configurando como principal fator da baixa ampliação dos comércios, da falta de investimentos dos comerciantes já estabelecidos e da não implantação novos estabelecimento mais modernos e com maiores variedade de serviços. Tudo isto cria uma proporção que afeta diretamente o desenvolvimento do comercio local, conforme pode ser observado mediante o gráfico 12:

Gráfico 12 – Desenvolvimento do comércio prejudicado em função da violência local

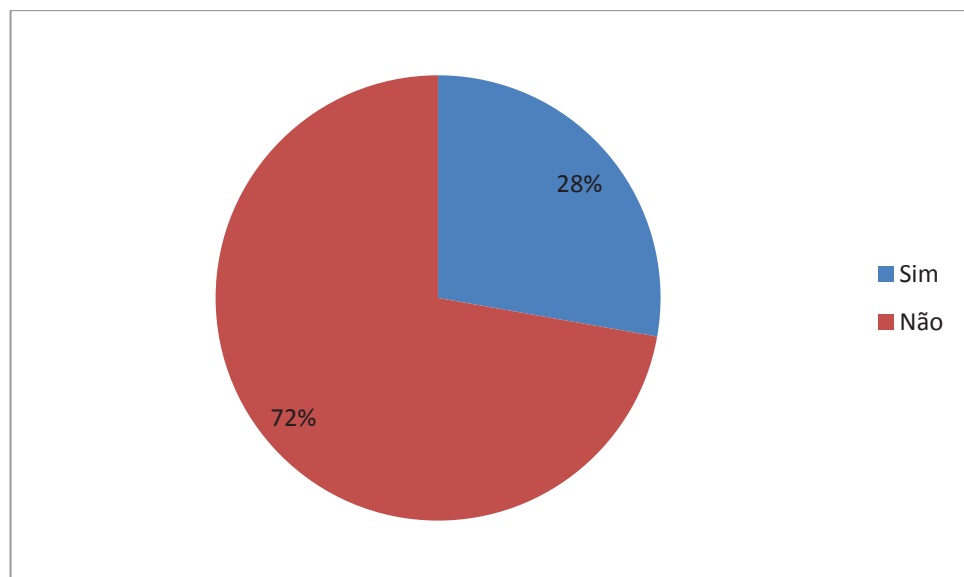


Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Observa-se que 78% dos comerciantes afirmaram que a criminalidade violenta local é responsável principal pelo baixo desenvolvimento do comércio do bairro. O medo decorrente desta criminalidade, de acordo com as próprias palavras destes comerciantes, “acaba atrasando o comércio”, isto cria toda uma conjuntura de exclusão que acaba deixando o bairro do Jeremias à margem dos investimentos.

A falta de serviços específicos como agências bancárias, supermercados com o oferecimento de produtos mais variados, e maior diversidade comercial, são originados a partir deste pouco investimento orientado por aspectos da incidência da criminalidade violenta. Fator este que amplia as dificuldades do dia-a-dia dos moradores, que por não possuírem serviços variados no próprio espaço do bairro, necessitam assim de um deslocamento constante para o centro da cidade, para satisfazer necessidades básicas. Os comerciantes mostram-se ainda mais afetados por toda esta conjuntura da violência no bairro, neste sentido buscou-se analisar se estes comerciantes buscavam mudar-se do bairro, tendo o seguinte resultado apresentado no gráfico 13:

Gráfico 13 – Deseja mudar-se de bairro?



Fonte: Pesquisa de campo, set./2012.

Mesmo com a propagação do sentimento de medo pelos comerciantes e todas as implicações que este fator causa, como a diminuição do fluxo de clientes e prejuízos devido à implantação das grades. O sentimento de pertencimento a uma coletividade maior, bem como a identidade atribuída ao seu local de vivência, mostram-se essências aos moradores, fator este que levou a 72% dos entrevistados apresentarem-se contrários a uma possível saída do bairro. O que se observa é a influência de um sentido de lugar, que mesmo com todas as problemáticas do bairro, estes moradores não negam a possibilidade de vivência, onde o conteúdo das relações de familiaridade com este espaço mostra-se essenciais para a permanência destes moradores.

No entanto, 28% dos comerciantes entrevistados mostraram-se com o desejo explícito de sair do bairro e morar em algum local no qual estes pudessem ao menos minimizar o sentimento de insegurança, ou até mesmo, desfrutar de uma infraestrutura melhor. Apresentam-se assim desejosos por melhorias na qualidade de vida, no qual veem possíveis em outros locais, como bairros e até mesmo cidades que para eles apresentam-se como ideais. Inúmeros obstáculos são considerados como justificadores de suas permanências no bairro, como falta de dinheiro suficiente, e principalmente, a necessidade do comércio como forma de subsistência dos comerciantes, sem outras fontes de renda são impossibilitados de abandonar o bairro do Jeremias, e assim fugir de suas problemáticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as mais diversas manifestações das dinâmicas espaciais, o medo torna-se elemento de elevada importância para os grupos humanos, trata-se de uma resposta instintiva que nos protege de iminentes ameaças. Porém, tais aspectos também ampliam a sensação de que o afastamento é necessário aos desenvolvimentos das sociedades. Nesse sentido a nossa pesquisa em torno do bairro do Jeremias nos mostrou um pouco da dimensão do medo na perspectiva dos comerciantes.

Os comerciantes não são, de modo algum, grupos independentes da totalidade dos moradores do bairro. Sendo assim eles também fazem parte diretamente da conjuntura de identidade sócio-espacial do bairro, de forma que isto apenas torna-se possível mediante o enraizamento destes com o espaço. Tal fator, muitas vezes, falta nas atividades comerciais que se originam a partir de realidades externas, se inserindo num espaço, que apenas é visto, para eles, como recurso para o fluxo do capital. Logo os pequenos comerciantes são parte da formação do bairro, e assim refletem muitas das angústias diárias vivenciadas por grande parte dos moradores.

Para entendermos como estas dinâmicas e atuais conjunturas surgiram, recorreremos ao estudo do passado, tomando como marco a formação do bairro do Jeremias. A multiplicidade de origens, a centralização de populações rurais pobres e ações governamentais, foram criando a atual perspectiva do bairro como ambiente caracterizado pela segregação sócioespacial. Tal fator é determinante para entender a permanência das atuais atividades criminosas, de modo que tais grupos criminosos muitas vezes atuam de modo territorializante por este bairro.

A dinâmica social desenvolvida ao longo do tempo no bairro resultou numa heterogeneidade que pode ser evidenciada na atualidade. Tal diferenciação espacial possuiu relação intrínseca com o estigma criado a partir do contexto de violência no bairro. É neste cenário que os comerciantes locais, apresentam importante papel na conjuntura total do bairro, já que estes fazem parte direta de sua identidade sócioespacial. Tal fator foi evidenciado a partir do levantamento quantitativo, que confirmou um elevado tempo médio de atuação dos comerciantes no bairro. Somado com a característica de centralização de fluxos e

relações sociais, o comércio se mostrou essencial ao estudo do contexto de violência no bairro.

Ao caracterizar o comércio do bairro no âmbito da teoria dos dois circuitos econômicos dos países subdesenvolvidos, entendemos que este faz parte de um contexto global e assim observamos as suas horizontalidades. Estes comércios se distribuem de modo heterogêneo pelo espaço do bairro, de modo que apresentam uma centralização em duas de suas ruas. A diversidade de comércios está relacionada diretamente com as necessidades imediatas da população local. Desta forma, o número da quantidade de fluxos de consumidores varia a partir do nível de concorrência de cada tipo de estabelecimento. A este fluxo está atribuída a renda total de muitos dos comerciantes, já que grande parte possui apenas o comércio como fonte de renda.

Dentre os diversos fatores que influenciam diretamente a quantidade de fluxos de clientes para os comércios locais, se destacou a violência criminosa. Fator que se resalta dentre as diversas problemáticas do bairro. A esta violência observamos a razão pela aparente estagnação do comércio local, destacado na pesquisa. A violência criminosa, que se amplia na escala do bairro, não se limita apenas aos comerciantes, conforme nos mostraram pesquisas anteriores, ela envolve maior parte dos indivíduos do bairro.

Ao enfocarmos os comerciantes, observamos que estes são os verdadeiros presos nesta realidade de segregação e violência. Não confiando nos instrumentos de segurança pública, são assim territorializados, muitas vezes, por grupos criminosos. O modo como esta territorialização ocorre é através da disseminação do medo, da insegurança e especialmente o de constante fragilidade. O índice de assaltos aos pequenos comerciantes, e a sua repercussão, reforçam ainda mais a disseminação do medo. Sem vislumbrar alternativas, amplia-se o sentimento de angústia, e principalmente a busca por meios de resistência.

As tentativas de resistir ao contexto de violência criminosa no bairro levou grande parte dos comerciantes a adotar, devido à falta de capital para maiores investimentos, as grades como forma principal de segurança. Esta resposta guarda em si certo desespero pela sobrevivência, já que não representam uma imediata eficácia, mas se tornam amplamente utilizados por justamente a sua capacidade de transmitir o sentimento de segurança. Deste modo as grades nas portas dos estabelecimentos são símbolos da disseminação do medo, estratégias de resistência em torno do contexto de violência.

Aos comerciantes e demais moradores resta apenas à esperança de uma possível mudança na perspectiva da segurança local. Esta, no entanto, é apenas uma das necessidades imediatas desta população, onde: saúde, educação, emprego, moradia, infraestrutura, e tantas outras problemáticas são essências para a melhoria na qualidade de vida destes moradores. O espaço evidencia assim as problemáticas vivenciadas pelas sociedades, e a nós cabe pensá-lo com a sensibilidade suficiente para ver, ou quem sabe até mesmo sentir, as angústias de cada um dos indivíduos, que constroem seus lugares e que o dinamiza em suas existências.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **GEOGRAFIA ECONÔMICA**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1980.

AZEVEDO, Hebert Guilherme de. **CONCEITUAÇÕES SOBRE O BAIRRO NO CAMPO GEOGRÁFICO: Quatro visões teóricas**. Anais. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **CONFIANÇA E MEDO NA CIDADE**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **COMUNIDADE: A Busca por Segurança no Mundo Atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

BRASILEIRO, Alice de Barros Horizonte. **ESPAÇOS DE USO COMUNITÁRIO EM PROGRAMAS HABITACIONAIS NO RIO DE JANEIRO: Entre o discurso e a prática**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A CIDADE**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O ESPAÇO URBANO**. São Paulo: Ática, 1993.

CRUZ, Luciana Maria da; SÁ, Alcindo José de. **A VIOLÊNCIA E OS SERVIÇOS DE SEGURANÇA EM RECIFE: um estudo de caso nos bairros de boa viagem e casa forte**. Anais. In: 3º Simpósio Internacional sobre as Geografias da violência e do medo. Recife, 2009.

DINIZ, Lincoln da Silva. **O PEQUENO COMÉRCIO EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE**. Tese (doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

FILHO, Antonio Pereira Cardoso da Silva, et al. **A VULNERABILIDADE NO TRABALHO DOS ACS NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB E A JUVENTUDE DA COMUNIDADE**. Anais. In: II Colóquio Nacional de Estudos Interdisciplinares sobre Infância e Juventude. Campina Grande, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **REVOLUÇÃO URBANA**. São Paulo: Edusp, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **TERRITÓRIO E HISTÓRIA NO BRASIL**. São Paulo: Hucitec, 2002.

RODRIGUES, José Edmilson; GAUDÊNCIO, Edmundo Oliveira; ALMEIDA, Silvestre Filho. **MEMORIAL URBANO DE CAMPINA GRANDE**. Paraíba: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1996.

SALVADOR, Diego Salomão Cândido de Oliveira. **A EXPANSÃO E A REDEFINIÇÃO DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA DA CIDADE DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS NO PERÍODO ATUAL**. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Sâmara Íris de Lima; SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. **MAPEAMENTO DA VIOLÊNCIA URBANA EM CAMPINA GRANDE: Tendências e desafios em busca da cidade sustentável**. Anais. In: XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, 2011.

SANTOS, Milton. **O ESPAÇO DIVIDIDO: Os dois circuitos da economia urbana**. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **A NATUREZA DO ESPAÇO: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO: Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARAIVA, Luiz Arthur Pereira. **FORMAÇÃO E DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL DO BAIRRO DA ESTAÇÃO VELHA – CAMPINA GRANDE – PB: Cotidianos, transformações e heterogeneidades de um lugar**. (monografia), Universidade Estadual da Paraíba, 2009.

SILVA, Marcelo Werner. **A GEOGRAFIA E O ESTUDO DO PASSADO**. Anais. In: XVI Congresso Nacional dos Geógrafos, 2010, Porto Alegre.

SOUSA, Luiz Gonzaga de. **ECONOMIA, POLÍTICA E SOCIEDADE**. Edição eletrônica, 2006. Disponível em: www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/ [acessado em 10/07/2012]

SOUZA, Marcelo Lopez de. **FOBÓPOLE: O medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopez de. **ABC DO DESENVOLVIMENTO URBANO**. Rio de Janeiro: Bretand Brasil, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **ESPAÇO E LUGAR: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **PAISAGENS DO MEDO**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VILLAÇA, Flávio. **ESPAÇO INTRA-URBANO NO BRASIL**. 2ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacob. **MAPA DA VIOLÊNCIA 2012**: *os novos padrões da violência homicida no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacob. **MAPA DA VIOLÊNCIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS 2008**. 1 ed. São Paulo: Instituto Sangari: 2008.

APÊNDICES

Questionário/Entrevista aplicada aos comerciantes:

Tipo de comércio: _____

Quanto tempo você é comerciante no bairro? _____

Como você considera o movimento de clientes no estabelecimento?

- () ótimo [movimento constante com poucas oscilações] () bom [predominância de clientela em variados períodos] () mediano [possuindo movimentação cíclica]
 () ruim [baixo movimento de clientes]

Você possui outras fontes de renda além do comércio? () Sim () Não

Você já foi vítima de assalto no estabelecimento? () Sim () Não

Você se sente seguro no bairro? () Sim () Não

Você evita comercializar durante a noite devido à violência? () Sim () Não

Em caso positivo: Você acredita que o movimento de clientes no comércio foi abalado de que forma?

- () o movimento diminuiu drasticamente () o movimento diminuiu por um curto período de tempo () o movimento continuou estável sem nenhuma modificação

Você já foi vítima de algum ato violento dentro do estabelecimento? () Sim () Não

Como você classifica a presença policial no bairro? () satisfatório () insuficiente

Você investe em instrumentos de segurança no seu estabelecimento? () Sim () Não

Você utiliza grades como forma de proteção do estabelecimento? () Sim () Não

Em caso positivo: Quais fatores levaram você a utilizar as grades?

Você acredita que o uso das grades influencia no movimento de clientes do estabelecimento?
() Sim () Não

Você acredita que a violência no bairro influencia no desenvolvimento do comércio local?
() Sim () Não

O que você pensa sobre “mudar-se de bairro”?
